

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAURICIO RESENDE LIRA

**MESQUITA DE GOIÂNIA: FÉ, IMIGRAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE ISLÂMICA**

GOIÂNIA

2024

**MAURICIO RESENDE LIRA**

**MESQUITA DE GOIÂNIA: FÉ, IMIGRAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE ISLÂMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Johnny Taliateli do Couto

Coorientador: Prof. Dr. Thiago Damasceno P. Milhomem

**GOIÂNIA**

**2024**

## AGRADECIMENTOS

Dedico este momento com imensa satisfação e gratidão, refletindo sobre a oportunidade de transformar minha trajetória acadêmica no sucesso que sempre sonhei desde o início. Esta jornada foi marcada por muitos dias de esforço, superação e desafios quase impossíveis. A cada etapa, pude contar com o apoio e a parceria de pessoas que tornaram este caminho mais leve e possível.

Com imensa satisfação, vejo este trabalho se concretizando, refletindo a realização do sentimento de missão cumprida. Este sucesso só foi possível graças ao apoio fundamental de pessoas que desempenharam papéis cruciais durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, prof. Dr. Johnny Taliateli do Couto, por sua orientação esclarecedora em todos os momentos em que o procurei. Sua dedicação foi essencial para a condução deste trabalho.

Agradeço também ao meu coorientador, prof. Dr. Thiago Damasceno, que, desde os primeiros passos da pesquisa, ofereceu uma orientação de qualidade ímpar, contribuindo diretamente para o avanço e aprofundamento do estudo. Também não posso deixar de agradecer ao prof. Dr. Hugo Rincon Azevedo pelo aceite em compor a banca de avaliação e pela leitura atenta do trabalho.

Agradeço profundamente aos meus colegas de sala, que estiveram ao meu lado, compartilhando momentos de aprendizado e crescimento. Em especial, quero expressar minha gratidão a Lucas Dias, cuja colaboração foi essencial, especialmente no que diz respeito ao apoio na formatação e nas orientações durante este processo. Sua ajuda foi fundamental para a realização deste trabalho.

Quero ainda destacar a generosidade e acolhimento do Xeique Kamal Hamideh e de sua esposa Fátima Hamideh, líderes da Mesquita de Goiânia, que desde o primeiro contato até o final da pesquisa se disponibilizaram com extrema generosidade e reciprocidade. Sua colaboração foi fundamental para que esta pesquisa pudesse ser realizada de forma tão completa e rica em informações.

Agradecendo sinceramente aos meus familiares, que, com dedicação e carinho, estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores da minha trajetória. Durante as dificuldades enfrentadas, incluindo meu acidente e os momentos em que pensei não ter condições de continuar com os estudos, cada um de vocês, de maneira especial, ofereceu apoio e esforços de imensa importância para que eu pudesse alcançar. Por fim, agradeço com imensa

alegria à minha esposa, Paulina Enedina B. de Jesus, e aos meus dois filhos, Davi Lira e Samuel Lira, pela paciência, compreensão e apoio incondicional.

*“ Eu nunca perco. Ou eu ganho, ou aprendo ”*

*(Nelson Mandela)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a construção da identidade islâmica em Goiânia, com foco nas experiências de imigração, adaptação e prática da fé pelos muçulmanos. A pesquisa explora a *Hégira* não apenas como um evento histórico de migração, mas também como um processo contínuo de formação espiritual e comunitária, sendo adaptado ao contexto da imigração contemporânea em Goiás. A análise combina referenciais teóricos de autores como Karen Armstrong, Tamara Sonn e Eliane Prudente com relatos orais, destacando os desafios e estratégias de integração, resistência e superação enfrentados por imigrantes árabes e muçulmanos na região. O estudo também aborda a importância da Mesquita "Al Taubah" como espaço central de acolhimento, resistência e fortalecimento da identidade religiosa, além de sua relevância como ponto de encontro cultural e social. Por meio dessa análise, busca-se compreender a dinâmica de inserção e transformação da fé islâmica no Brasil, com ênfase no papel da comunidade muçulmana em Goiás.

**Palavras-chave:** Fé; Islamismo; Imigração Muçulmana; Mesquita; Identidade Islâmica.

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate the construction of Islamic identity in Goiânia, focusing on the experiences of immigration, adaptation, and religious practice among Muslims. The research examines the Hijra not only as a historical event of migration, but also as a continuous process of spiritual and communal formation, adapted to the context of contemporary immigration in Goiás. Drawing on theoretical frameworks from authors such as Karen Armstrong, Tamara Sonn, and Eliane Prudente, as well as oral testimonies, the analysis highlights the challenges and strategies of integration, resistance, and resilience faced by Arab and Muslim immigrants in the region. The study also addresses the importance of the “Al Taubah” Mosque as a central space for hospitality, resistance, and the strengthening of religious identity, and discusses its relevance as a cultural and social gathering point. Through this analysis, the research seeks to understand the dynamics of the insertion and transformation of Islamic faith in Brazil, with particular emphasis on the role of the Muslim community in Goiás.

**Keywords:** Faith; Islam; Muslim Immigration; Mosque; Islamic Identity.

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1...HÉGIRA É UM EVENTO NA HISTÓRIA ISLÂMICA, REFLETINDO A MIGRAÇÃO DOS MUÇULMANOS DE MECA PARA MEDINA.....</b>	<b>14</b>
1.1...HÉGIRA NÃO É SÓ UMA IMIGRAÇÃO FÍSICA DO CORPO.....	16
1.2...CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO ISLAM E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMPREENSÃO DA FÉ MUÇULMANA.....	19
<b>2...IMIGRAÇÃO EM GOIÂNIA: PROCESSOS HISTÓRICOS E IMPACTOS SOCIAIS .....</b>	<b>23</b>
2.1...ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA, INTEGRAÇÃO E SUPERAÇÃO.....	25
2.2...INFLUÊNCIA DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA NA FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL.....	31
<b>3...O CHAMADO E A FUNDAÇÃO DA MESQUITA: A JORNADA ESPIRITUAL E O LEGADO DO CASAL KAMAL HAMIDEH.....</b>	<b>38</b>
3.1...A FUNDAÇÃO DA MESQUITA: O LEGADO DA HÉGIRA EM GOIÂNIA.....	42
3.2...A JIHAD NA IMIGRAÇÃO: CONSTRUINDO A COMUNIDADE MUÇULMANA..	46
<b>4...CONCLUSÃO.....</b>	<b>54</b>
<b>5...REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>6...APÊNDICE.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

No terceiro período de minha graduação, tive a oportunidade de cursar a disciplina "HIS 1023 - Judaísmo, Cristianismo e Islamismo", ministrada pelo professor Antônio Luiz. Durante as aulas, foi abordado o surgimento do Islamismo, assim como os principais aspectos históricos e culturais que influenciaram seu desenvolvimento. A análise inicial incluiu pontos relevantes da história das três tradições religiosas mencionadas, com destaque para as singularidades e interconexões entre elas.

Ao aprofundar a discussão sobre o Islamismo, emergiram desafios significativos relacionados à pesquisa histórica dessa tradição, especialmente no contexto de sua chegada ao estado de Goiás e sua posterior consolidação e crescimento na região. Esse período apresenta questões cruciais para a historiografia local e a compreensão da interação entre tradições religiosas e o contexto sociocultural brasileiro.

A partir das discussões em sala de aula, surgiram questionamentos que despertaram meu interesse pela história e pela presença do Islamismo em nossa sociedade. Questões como: *Quem são os povos que vivem mais próximos de nós? De onde vieram? Como vivem e sobreviveram até aqui? O que pensam? Como constituem suas famílias?* Essas indagações levaram-me a refletir sobre a presença islâmica em Goiânia e a perguntar: *Existe algum lugar onde se reúnem na cidade?*

Esses questionamentos, inicialmente levantados em aula, desencadearam uma curiosidade profunda e o desejo de explorar mais sobre a temática. O encantamento tornou-se ainda maior ao perceber que o estudo dessa presença se configura como uma pesquisa recente, com poucos documentos disponíveis, o que representa não apenas um desafio acadêmico, mas também uma oportunidade de contribuir com novos conhecimentos sobre um tema pouco explorado.

Outra característica que despertou meu interesse foi a percepção de que esta pesquisa poderia contribuir para a divulgação histórica dos povos muçulmanos em Goiânia. Além disso, o fato de residir na cidade onde nasci e cresci me proporciona uma conexão pessoal com o tema, permitindo observar como a sociedade local se transforma e se revela em suas particularidades de fé. Essa interação constante entre práticas culturais e religiosas reflete o desenvolvimento de costumes próprios e a construção de uma identidade coletiva baseada em crenças compartilhadas.

O presente trabalho busca explorar as dinâmicas de imigração e adaptação dos muçulmanos em Goiânia, com ênfase na construção da identidade islâmica em um ambiente predominantemente cristão. A Mesquita de Goiânia, enquanto espaço de fé, cultura e resistência, emerge como um ponto focal para compreender as estratégias de preservação e transformação cultural da comunidade muçulmana local.

A partir dessa perspectiva, o problema de pesquisa que orienta este estudo pode ser formulado da seguinte forma: Como a Mesquita de Goiânia contribui para a construção da identidade islâmica, considerando os desafios enfrentados pelos imigrantes muçulmanos no processo de integração e adaptação ao contexto sociocultural local? Para abordar essa questão, este trabalho tem os seguintes objetivos: investigar como a Mesquita de Goiânia atua como um espaço de construção, preservação e transformação da identidade islâmica em um contexto de imigração; analisar os processos históricos de imigração árabe e muçulmana para Goiás e Goiânia, destacando seus impactos sociais e culturais; examinar a função da Mesquita como espaço de socialização e prática religiosa, considerando sua importância simbólica e material; compreender como as narrativas de líderes e membros da comunidade islâmica local refletem as dinâmicas de adaptação e preservação da identidade religiosa. A dinâmica da abordagem nem sempre vai seguir, necessariamente, a ordem anterior.

O desenvolvimento desta pesquisa trouxe experiências únicas e inesperadas. Logo nas primeiras semanas, enquanto trabalhava como vendedor na empresa Ferragista Perim, tive a sorte de receber um contato valioso graças ao meu antigo patrão.

Durante a organização de um evento corporativo, ele entrou em contato com um funcionário de origem muçulmana chamado Abdul Feliciano, enquanto procurava por serviços de panfletagem. Sabendo do meu interesse em realizar uma pesquisa sobre o Islamismo em Goiânia, meu patrão gentilmente compartilhou o contato de Feliciano comigo.

Com base nessa oportunidade, iniciei um diálogo com Feliciano, apresentando de forma objetiva minha proposta de pesquisa. Desde o primeiro contato, ele demonstrou grande generosidade e atenção, acolhendo minha curiosidade com entusiasmo. Logo após essa conversa inicial, Feliciano me convidou para conhecer a mesquita que frequenta. Esse gesto marcou o início de minha trajetória no aprofundamento das dinâmicas culturais e religiosas do Islamismo em Goiânia, abrindo portas para uma investigação mais rica e detalhada sobre o tema.

Neste processo de análise contou exclusivamente como forma de apoio, para o andamento e direção da pesquisa, características importantíssimas; a primeira, seria o

engajamento de pesquisa oral, precisei conhecer esse caminho dentro deste princípio de aplicação, como regra das normas da ABNT e da historiografia.

O processo de análise desta pesquisa foi amplamente sustentado por princípios fundamentais que guiaram sua direção e desenvolvimento. O primeiro aspecto foi o engajamento com a metodologia de história oral, que se tornou essencial para a coleta e interpretação dos dados. Essa abordagem exigiu um aprofundamento nas normas da ABNT e nos conceitos teóricos que embasam a prática da história oral contemporânea.

Entre as obras de referência utilizadas, destacam-se *Usos & abusos da história oral* (2005) e *História oral, comemorações e ética* (1997), ambas organizadas por Marieta de Moraes Ferreira. Esses trabalhos foram fundamentais para compreender a organização, os estilos de pesquisa e a ética envolvidos na aplicação dessa metodologia. A história oral emergiu, assim, como a abordagem central deste estudo, possibilitando explorar as narrativas de forma aprofundada e estruturada, especialmente no contexto da oralidade como prática na pesquisa histórica.

Assim, a consciência e a valorização de uma individualidade singular, baseadas em uma memória, conferem consistência a uma biografia e possibilitam a formulação de projetos. O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos e à sua própria identidade. A memória e o projeto, de alguma maneira, não só ordenam como dão significado a essa trajetória. O projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. (FERREIRA, 1997, p.2)

A citação enfatiza a importância da consciência e valorização da individualidade. Reconhecer nossa singularidade, fundamentada em nossas memórias e experiências, é essencial para construirmos uma identidade sólida. Essa individualidade, por sua vez, serve como base para a formulação de projetos de vida, que nos impulsionam para o futuro e nos permitem traçar um caminho único.

Ferreira destaca o papel central da memória nesse processo. Nossas lembranças, vivências e histórias formam a base sobre a qual construímos nossa identidade e definimos nossos projetos. A memória, tanto individual quanto coletiva, atua como um alicerce, conferindo sentido ao presente e orientando nossas ações futuras. É fundamental compreender como Ferreira articula a intrincada relação entre memória, individualidade e projeto na construção da identidade e na interação social. Sua reflexão nos convida a considerar como esses elementos se entrelaçam, dando sentido à vida e direcionando as ações humanas.

A partir dessa reflexão sobre o ofício do historiador oral, tornou-se evidente a possibilidade de contribuir para o aperfeiçoamento das técnicas de transcrição e análise de

fontes orais. Embora existam diversas práticas e estilos de pesquisa em história oral, optei pelo método conhecido como "O estilo do analista completo".

Conforme destacado por Ferreira e Amado (2005, p. 23), essa abordagem trabalha com a fonte oral como um documento factual, utilizando depoimentos e evidências orais para complementar outras fontes abertas, sempre com atenção ao rigor técnico no arquivamento e preservação desses materiais.

O foco principal desta pesquisa é o uso da história oral como ferramenta para desvelar os processos de construção da identidade islâmica em Goiânia. Essa abordagem fundamenta-se no pilar da identidade atrelada à memória, permitindo, por meio da investigação das narrativas pessoais e coletivas, acessar experiências e perspectivas de maneira direta e profunda. Esse método possibilita não apenas compreender a formação cultural e religiosa da comunidade islâmica local, mas também conectar essas vivências ao contexto histórico mais amplo.

Conforme Pierre Nora (1993), os "lugares de memória" emergem quando a memória coletiva se enfraquece, necessitando de marcos que preservem identidades culturais. Nesse sentido, a Mesquita "Al Taubah" não é apenas um centro religioso, mas também um lugar de memória da comunidade muçulmana, onde narrativas pessoais e coletivas se encontram para preservar tradições e conectar o passado ao presente.

A identidade não é estática; pelo contrário, ela é continuamente construída e reconstruída ao longo do tempo. Por meio dela, os indivíduos se conectam com o passado e projetam o futuro. A história oral, ao registrar narrativas individuais, proporciona acesso a uma dimensão dinâmica da identidade, evidenciando como ela é moldada por diferentes contextos culturais e históricos. Nesta pesquisa, ao explorar a relação entre identidade e memória, buscou-se compreender a experiência islâmica em Goiânia e como a religião se manifesta nesse contexto cultural específico. Ferreira (1997) destaca que a memória é um elemento fundamental para a construção da identidade.

O uso de narrativas orais neste trabalho visa não apenas registrar as memórias individuais dos membros da comunidade muçulmana em Goiânia, mas também compreender como essas memórias se articulam com as dinâmicas coletivas e identitárias. Conforme observado por Langaro (2012, p. 18), as narrativas orais não são apenas reproduções passivas de memórias dominantes, mas também refletem e reelaboram as experiências vividas, destacando a coexistência de versões hegemônicas e alternativas sobre o passado e o presente. No caso específico da Mesquita de Goiânia, as histórias compartilhadas pelos entrevistados revelam como a fé e a identidade são negociadas e ressignificadas em meio aos desafios de um contexto cultural majoritariamente cristão.

A análise da fé muçulmana em Goiânia oferece uma perspectiva que possibilita compreender as camadas mais profundas da construção religiosa e cultural dessa comunidade. A memória coletiva, nesse contexto, preserva uma rica história de migrações, adaptações e da construção de uma nova vida. Assim, o estudo dessas experiências contribui para ampliar o entendimento contemporâneo sobre como a religião e a memória interagem, moldando identidades em um contexto e evidenciando as transformações vividas por essa comunidade.

As narrativas sobre a chegada dos primeiros imigrantes muçulmanos, a construção da Mesquita em Goiânia e as experiências de integração na sociedade goiana representam elementos fundamentais dessa memória coletiva. Esses aspectos não apenas preservam a história da comunidade islâmica local, mas também contribuem para moldar os valores e princípios da fé islâmica em um contexto de interação cultural.

A integração desses imigrantes à sociedade goiana gerou uma rica experiência, caracterizada por adaptações e pela construção de práticas que refletem tanto a preservação de tradições quanto a influência do ambiente cultural brasileiro. Essas narrativas são, portanto, ferramentas indispensáveis para acessar e compreender a memória da comunidade, permitindo também a investigação de suas raízes e do significado atribuído às suas vivências.

O apoio do professor Dr. Thiago Damasceno foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Graças à indicação da professora Simone Schmaltz, que o apontou como referência em estudos sobre a cultura e religião muçulmana no estado de Goiás, pude contatá-lo e me beneficiar de sua experiência e conhecimento. Sua orientação foi determinante para a condução prática da pesquisa oral, especialmente na abordagem do universo islâmico. Além de orientar-me de forma direta ao longo das etapas da pesquisa, o professor Thiago Damasceno aceitou gentilmente o convite para atuar como coorientador deste trabalho.

Para uma compreensão mais profunda sobre o tema, foi necessário adotar uma abordagem metodológica que unificasse o contexto histórico e religioso da Hégira, o evento crucial que marca a migração de Muhammad e seus seguidores de Meca para Medina. A Hégira, que significa literalmente "separação", é um ponto de inflexão na história islâmica, simbolizando a transição de Muhammad para um líder religioso respeitado e considerado o mensageiro de Deus, para um chefe político em Medina.

A explicação sobre o evento da Hégira e a formação da nova Umma (comunidade muçulmana) é fundamental para entender os princípios que regem a fé islâmica. A autora Karen Armstrong, em sua obra *Muhammad: Uma biografia do profeta* (2001), oferece uma análise detalhada sobre esses acontecimentos, abordando tanto os textos clássicos do islam, como o Alcorão, quanto os ditos do profeta Muhammad. Sua obra foi uma referência importante para

compreender como a Hégira e a consolidação da Umma se deram, fornecendo uma base teórica essencial para a análise da trajetória do Islamismo.

Para aprofundar a análise do desenvolvimento do Islamismo, especialmente no que diz respeito à reforma islâmica e ao conceito de *Ijtihad*, este trabalho se fundamenta na obra *Uma Breve História do islam*, de Tamara Sonn (2011), com ênfase no capítulo 4. O conceito de *Ijtihad* refere-se ao esforço independente de interpretação dos textos sagrados do islam, sendo fundamental para a compreensão das lutas e adaptações dos muçulmanos ao longo da história.

O *Ijtihad* permite que a lei islâmica seja ajustada às diversas realidades e contextos, em constante transformação, facilitando a evolução da prática religiosa frente às mudanças sociais, culturais e políticas. Esse conceito é essencial para entender as diferentes interpretações e abordagens que surgiram dentro do islam, contribuindo para o diálogo entre tradição e modernidade.

Para abordar a contextualização da imigração dos povos muçulmanos com maior clareza, contei com o apoio central da obra *A Imigração Árabe em Goiás* (2000), da autora Eliane Prudente. Esse estudo científico sobre a imigração árabe no Brasil oferece uma análise detalhada sobre os movimentos migratórios árabes, a trajetória econômica dessas migrações, a formação de famílias árabes em Goiás, e os processos de assimilação e resistência enfrentados pelas comunidades.

Essa obra foi fundamental para a reconstrução da trajetória dos muçulmanos em Goiás, permitindo compreender como esses fatores influenciaram a vida dos muçulmanos atuais em Goiânia. A pesquisa de Prudente fornece uma base sólida para analisar as condições históricas e sociais que moldaram a comunidade islâmica local, contribuindo para o entendimento do contexto de sua presença e identidade no estado.

Além dos aspectos que forneceram a compreensão dessa imigração, busquei atualizar os dados de registros de nascimento mais recentes no cartório Antonio do Prado, visando aprimorar as estatísticas e obter informações numéricas mais recentes desde 1940. Apesar de não ter conseguido obter os dados atualizados em Goiânia, o cartório forneceu o contato da ARPEN-GO, localizada no Edifício Escritório do Oeste (Rua 3, sala 1402 - Setor Oeste), para que eu pudesse solicitar a atualização diretamente ao órgão responsável. No entanto, ao entrar em contato com a ARPEN-GO, não obtive sucesso, pois o serviço de atendimento alegou não haver um responsável para tratar da minha solicitação.

Diante da impossibilidade de atualizar os registros no Cartório, direcionei minha atenção para a análise de dados demográficos. Coincidentemente, na mesma semana, o *Jornal Gazeta do Povo* publicou um estudo conduzido nos Estados Unidos. Embora não tenha sido

possível obter uma atualização do quadro elaborado por Eliane Prudente, o estudo norte-americano, intitulado "Cenário Religioso Global em Mudança" (SEMPRE FAMÍLIA, 2017), forneceu dados relevantes sobre o crescimento da população muçulmana em escala global, reforçando a influência da cultura e imigração muçulmana nesse processo.

Para concluir o processo de pesquisa e aprofundar a análise, realizei entrevistas com os líderes da Mesquita, o casal Hamideh. Essas conversas proporcionaram esclarecimentos valiosos sobre os temas abordados no estudo, complementando as fontes documentais e enriquecendo a pesquisa com as experiências pessoais dos entrevistados. A oportunidade de conhecer a Mesquita pessoalmente e participar de suas atividades possibilitou uma imersão na cultura muçulmana, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da pesquisa.

## **1. HÉGIRA: UM EVENTO NA HISTÓRIA ISLÂMICA, REFLETINDO A MIGRAÇÃO DOS MUÇULMANOS DE MECA PARA MEDINA.**

A imigração de Muhammad e dos primeiros muçulmanos de Meca para Medina é um evento crucial na história islâmica, e a importância deste evento é refletida na divisão do Alcorão entre os capítulos revelados em Meca e em Medina. Meca, conhecida em árabe como Makka al-Mukarrama, é a cidade mais sagrada para os muçulmanos.

Foi lá que o Profeta Muhammad nasceu e onde se encontra a Caaba, templo cúbico que guarda a Pedra Negra, enviada por Deus a Adão para remissão dos pecados. Meca está localizada na Arábia Saudita, no Oriente Médio, cerca de 80 km do litoral do Mar Vermelho. Para os muçulmanos, Meca e a Caaba são o ponto focal para as orações, sendo a direção para a qual se voltam chamada de Qibla, mas não são objetos de adoração.

Medina, conhecida em árabe como al-Madinah, é uma cidade situada no oeste da Arábia Saudita, na região do Hejaz. Até 622, quando Muhammad entrou na cidade durante o evento histórico da Hégira, Medina era chamada Yathrib. Do ponto de vista histórico e religioso, Medina foi a primeira cidade governada pelos princípios teocráticos estabelecidos por Muhammad, o profeta do islamismo. (AL-Hashimi, 1996).

A Hégira, que ocorreu em 622 d.C. (Salgado, 2013) É um marco importante no calendário islâmico, que é contado a partir deste evento e abreviado como AH (Anno Hegirae, "ano da Hégira"). Este evento não apenas marcou o início de uma nova era para a comunidade islâmica, mas também simbolizou o rompimento com o passado político e religioso dos árabes e o início do islamismo como uma nova religião.

A opressão em Meca, que levou à Hégira, foi desencadeada pelas primeiras revelações do Alcorão, que desafiavam as crenças politeístas e a tradição ancestral de Meca, fortemente ligada à idolatria. A mensagem do Islam, que pregava a adoração ao Deus Único e a renúncia aos deuses pagãos, provocou indignação entre os coraixitas, a tribo dominante em Meca.

Os coraixitas, responsáveis pela administração das peregrinações à Caaba, viam a nova religião como uma ameaça ao seu poder e lucro. Diante da crescente tensão e perseguição, muitos muçulmanos, especialmente os de baixo status social, foram torturados e forçados a abandonar sua fé. A situação tornou-se insustentável, levando muitos muçulmanos a buscar refúgio em Medina.

Em 620, Muhammad encontrou homens da tribo Khazraj de Medina, que se converteram ao Islam. No ano seguinte, com uma delegação maior, esses homens retornaram a

Meca e fizeram um pacto de lealdade com Muhammad, facilitando a migração em massa dos muçulmanos para a nova cidade.

A luta e a guerra às vezes podem ser necessárias, mas constituíam apenas a menor parte de toda a jihad ou luta. Uma tradição bem conhecida apresenta Muhammad declarando, ao voltar de uma batalha: “Nós voltamos da jihad menor para a jihad maior”, o esforço mais difícil e essencial para derrotar as forças do mal dentro de cada um na sociedade em que se vive, em todos os detalhes da vida diária. Assim que os muçulmanos empreenderam a hijra, perceberam que deveriam se preparar para a luta. Os ajudantes fizeram a Promessa de Guerra no Segundo Aqaba e logo após a chegada a Medina, Muhammad recebeu uma revelação dando permissão para que os Emigrantes também lutassem. (ARMSTRONG, 1992, p. 219).

A Hégira é um ponto decisivo na história do islam, Armstrong destaca que a Hégira não pode ser separada do contexto político e religioso da época. Ela argumenta que a nova nação precisava de um novo livro sagrado, o Alcorão, que atualizasse e complementasse os ensinamentos anteriores. Isso ajudou a legitimar a nova ordem e a criar um sentido de continuidade com as tradições religiosas anteriores. Representando o início de uma nova era de liderança e governança fundamentada nos princípios islâmicos. Com Medina emergindo como o centro da comunidade muçulmana, esse evento assume um significado muito maior do que podemos imaginar.

A Hégira sinaliza uma nova ação dos homens e o início de um novo começo, que, apesar de suas implicações políticas, também busca persuadir o povo do Livro. Este povo, que já seguia a Torá e o Evangelho, agora é chamado a considerar um novo complemento às suas escrituras (ARMSTRONG, 1992).

Para que esse complemento fosse aceito, era necessário que surgisse um novo livro. Assim, a Hégira é também vista como um marco que, segundo o capítulo 8 da obra, introduz a ideia de "Guerra Santa", refletindo as tensões e transformações que a nova fé e sua governança estavam prestes a enfrentar.

A ascensão do profeta Muhammad marcou o surgimento de uma nova Umma Árabe, ou nação, que transformou profundamente a situação em Medina. Essa nova comunidade muçulmana estava ligada a uma sequência genealógica de fé que remonta a um único Deus, associando-se aos filhos de Abraão, Moisés e todos os profetas que foram enviados por Deus.

É fundamental compreender que, ao longo dessa trajetória, Deus não deixaria o Seu povo sem orientação. Portanto, o novo “muçulmano” deve atentar-se e obedecer ao chamado divino, que se manifestou por meio do profeta Muhammad, como um guia para essa nova era de fé.

## 1.1 Hégira não é só uma imigração física do corpo

A Hégira, muitas vezes interpretada apenas como "partida" ou "migração", possui um significado mais profundo que transcende a mera movimentação física. Ela representa uma ressignificação da identidade dos povos árabes, abrangendo aspectos políticos e religiosos que estão intrinsecamente ligados. Assim, Hégira<sup>1</sup> e Jihad<sup>2</sup> coexistem e se complementam em um mesmo contexto.

Esse momento crucial na história do islam aconteceu em um contexto onde a nova nação precisava não apenas de um novo profeta, mas também de um novo livro sagrado que atualizasse os registros da Palavra de Deus. O Alcorão, como fonte primária de orientação, serve como um elemento fundamental que motiva os muçulmanos a se engajar na Jihad.

É importante ressaltar que a jihad vai muito além da simples interpretação de "derramamento de sangue" ou "Guerra Santa". Na verdade, ela representa um esforço abrangente em nome de Deus, que inclui tanto a luta interna pela autodisciplina quanto a defesa da comunidade muçulmana.

No primeiro capítulo desta pesquisa, busca-se destacar a paixão e o anseio que permeiam a vida dos muçulmanos, motivados pela fé e pela prática religiosa. A Hégira, portanto, não se resume a uma migração física; ela simboliza uma transformação espiritual e cultural. Essa junção entre Hégira e Jihad é essencial para compreender a dinâmica da nova religião que se instaurava e o início de uma nova Era islâmica.

A importância de abordar os conceitos de Umma, Hégira e Jihad é fundamental para analisarmos suas implicações no contexto da imigração árabe em Goiás. Para problematizar essa questão, é essencial entender Muhammad sob a perspectiva da Umma e o islam no contexto da Hégira.

Para Armstrong, a Hégira não é apenas um ato de migração, mas um evento crucial que representa uma transformação profunda, moldando a identidade do islam e estabelecendo a

---

<sup>1</sup> Hégira (do árabe *Hijra*): Refere-se à migração do profeta Muhammad e seus seguidores de Meca para Medina em 622 d.C., marcando o início do calendário islâmico. Este evento simboliza não apenas uma mudança geográfica, mas também a formação da primeira comunidade muçulmana (umma) e a consolidação da fé islâmica em um novo contexto social e político. O episódio marcou o rompimento dos árabes com seu passado político e religioso e o início de uma nova religião, o islamismo. Os anos da Era islâmica são contados a partir da Hégira e marcados com a abreviação AH (abreviação do latim Anno Hegirae, "ano da Hégira). (AL-Hashimi, Muhammad Ali. *Dicionário Islâmico: Termos e Conceitos*. Nova Fronteira, 1996).

<sup>2</sup> Jihad (do árabe *jihad*): Literalmente significa "esforço" ou "luta". No contexto islâmico, refere-se à luta ou esforço em nome de Deus, que pode se manifestar de diversas formas, incluindo a luta interna pela autodisciplina e melhoria moral, bem como a defesa da comunidade muçulmana. É importante notar que a Jihad não se limita ao combate físico, mas abrange esforços para promover a justiça e a prática da fé islâmica. (AL-Hashimi, Muhammad Ali. *Dicionário Islâmico: Termos e Conceitos*. Nova Fronteira, 1996).

Umma, além de definir a trajetória da nova religião, carregando significados espirituais e sociais relevantes.

Este momento histórico foi impulsionado pela situação de risco enfrentada pelos muçulmanos diante da ameaça dos coraixitas, que estavam se preparando para atacar Medina (Armstrong, 1992).

Armstrong também observa que o processo de formação de uma nova Umma não se configura como um ato formal, mas transcende as questões da vontade do povo, conforme enfatizado no Alcorão (Alcorão Nobre, 2005, 4:100)<sup>3</sup>. Especialmente no versículo que destaca a importância da perseverança e do comprometimento com a fé.

Este verso enfatiza a importância da emigração Hégira em nome de Deus e do Mensageiro Muhammad, destacando que aqueles que fazem essa migração em busca da fé e da justiça divina serão recompensados por Allah. É um incentivo à perseverança e ao comprometimento com a fé, mesmo diante de adversidades, e reforça a ideia de que a verdadeira recompensa está com Deus, não nas circunstâncias temporais da vida.

Podemos perceber que a ideia sobre as narrativas do Alcorão, como esses muçulmanos lidam com os textos e a hégira quanto a imigração e desenvolvimento da formação da Mesquita.

[...]O Corão começou a incentivar os muçulmanos de Medina a participar da Jihad. Isso envolveria luta e derramamento de sangue, mas a raiz JHD abrange mais que “guerra santa”. Significa um esforço físico, moral espiritual e intelectual. Há muitas palavras árabes denotando combate armado, como harb (guerra), sira’a (combate), ma’araka (batalha) ou qital (matança), que o Corão facilmente poderia ter usado se a guerra fosse a principal modalidade de os muçulmanos se engajarem nesse esforço. Ao contrário, escolhe uma palavra mais vaga e rica, com ampla gama de conotações. A Jihad não é um dos cinco pilares do islam. Não é o principal alicerce da religião, apesar da visão predominante no Ocidente. Mas era e continua sendo uma obrigação para os muçulmanos empenhar-se numa luta em todas as frentes - moral, espiritual e política - para criar uma sociedade justa e decente, onde, de acordo com os desígnios de Deus, os pobres e os vulneráveis não são explorados. A luta e a guerra às vezes podem ser necessárias, mas constituíam apenas a menor parte de toda Jihad ou luta[...] (ARMSTRONG. 1992. p. 218).

A citação de Karen Armstrong apresenta uma interpretação complexa e nuançada do conceito de Jihad, desmistificando a visão predominante no Ocidente que o associa exclusivamente à guerra santa. A autora (1992, p. 218) argumenta que a Hégira, o evento que marca o início do calendário islâmico e a fuga de Muhammad de Meca para Medina, não se

---

<sup>3</sup> E quem emigra, no caminho de Allah, encontrará, na terra bastante abrigo-aviltante para o inimigo-e prosperidade. E quem sai de sua casa, emigrando para Allah e seu Mensageiro, em seguida a morte atinge-o, com efeito, impenderá a Allah seu prêmio. E Allah é Perdoador, Misericordioso. (*Suratu An-Nissā* 4:100 Alcorão Nobre, 2005)

limita a uma mera migração física, mas envolve uma jornada espiritual e um compromisso com a construção de uma sociedade justa.

A Jihad é apresentada como uma obrigação para os muçulmanos, mas não como o pilar central da fé. A luta, seja ela física ou espiritual, é vista como um meio para alcançar um fim maior: a construção de uma sociedade justa e equitativa. A luta armada, embora possa ser necessária em determinadas circunstâncias, é apenas uma pequena parte da Jihad. O foco principal está na luta interna, na purificação espiritual e na construção de uma comunidade justa.

A citação destaca que a Hégira transcende a mera migração física, representando também uma jornada espiritual e um compromisso com a construção de uma sociedade justa. Armstrong e a fala de Xeique Kamal, embora provenientes de contextos e perspectivas distintas, convergem em alguns pontos cruciais sobre a interpretação da Jihad. Ambas as vozes destacam a dimensão espiritual e social da Jihad, afastando-se da visão reducionista e violenta frequentemente associada ao termo no Ocidente.

“Sim, jihad fissabilillah. Jihad fissabilillah quer dizer lutar no caminho de Deus. Lutar no caminho de Deus não é só em guerra e tudo mais. Se erguer a palavra de Deus, chama-se jihad fissabilillah. Lutar no caminho de Deus. Adorar um Deus único, lutar no caminho de Deus. Construir mesquita, adorar um Deus único, lutar no caminho de Deus.” (HAMIDEH. Kamal, 2024).

A comparação entre as visões de Armstrong e Xeique Kamal sobre a Jihad demonstra a complexidade e a riqueza do conceito. Ao analisar diferentes perspectivas, podemos construir uma compreensão mais completa e nuançada da Jihad, superando os estereótipos e preconceitos associados ao termo.

Tanto Armstrong, (1992) quanto Xeique Kamal, (2024) concordam que a Jihad transcende a mera luta armada, englobando um esforço moral, espiritual e social. Ambas as perspectivas enfatizam os valores islâmicos de justiça, equidade e respeito ao próximo como elementos fundamentais da Jihad.

A prática da Jihad, quando compreendida em sua totalidade, exerce uma profunda influência na prática religiosa dos muçulmanos. É importante ressaltar que a Jihad não se limita à guerra santa, mas engloba um conjunto amplo de ações que visam a purificação espiritual, a construção de uma sociedade justa e a propagação dos ensinamentos do islam.

A Jihad, como um esforço para aproximar-se de Deus e cumprir seus mandamentos, fortalece a fé dos muçulmanos e aprofunda sua conexão com o divino. É um Desenvolvimento

da autodisciplina constante, exigindo perseverança e autocontrole, virtudes que são cultivadas por meio da prática religiosa.

A análise subsequente apresenta um sentido de fé por Armstrong (1992), que anteriormente comparou a Hégira com a fé por uma nova Umma, como povo e nação, e também por Tamara Sonn, (2001) que desempenha um trabalho notável na obra "Uma Breve História do islam - Um manual indispensável para compreender o islam do século XXI".

Ambos debatem assuntos que tratam deste mesmo conceito de fé, como uma reforma histórica islâmica que, além de preservar a lei, destaca o significado de Ijtihad como um tipo de significado que vai além de uma data específica, ilustrando a prática islâmica em várias formas e significados ao longo da história.

## 1.2 Conceitos fundamentais do islam e suas implicações na compreensão da fé muçulmana

No quarto capítulo de sua obra "Uma breve história do islam", intitulado "Temas da Reforma Islâmica", Sonn (2011, p. 188) argumenta que a fé autêntica é vista como um pré-requisito fundamental para a identificação de um muçulmano. A autora destaca que o comportamento justo é um elemento essencial que reflete a autenticidade da fé.

Essa ideia é fundamentada nos primeiros anos do islam, no começo do século X, quando a escola Sunita se estabeleceu, com o objetivo de oferecer orientações às comunidades sem desvirtuar a essência do Corão e com base no testemunho de Muhammad. Assim, fica claro que, ao longo do desenvolvimento de sua sociedade, os muçulmanos incorporaram outras culturas, o que impactou a sua cultura, economia e política.

Apesar da relevância da ijthad, seu significado passou a ser interpretado de diferentes maneiras por intelectuais que se baseavam em leis e circunstâncias específicas. Segundo Joseph Schacht, estudiosos debatiam e definiam interpretações e doutrinas nas escolas, vinculando as fontes ao Corão e à Suna (2011, p.189) Embora considerassem a lei islâmica como consenso no sentido de ijma<sup>4</sup>, esses estudiosos determinaram que a ijthad não era mais necessária.

[...] A flexibilidade era algo especialmente importante, dado que o mundo muçulmano rapidamente passou a incluir culturas múltiplas, diversas. Além disso, as circunstâncias raramente permaneciam estáticas; novas condições surgiam à medida que as

---

<sup>4</sup> **Ijma** (árabe: إجماع). É um termo árabe que significa "Consenso" ou "acordo unânime". e refere-se a um dos principais fundamentos da jurisprudência islâmica. No contexto islâmico, o *Ijma* representa o acordo unânime entre os estudiosos ou a comunidade muçulmana sobre questões religiosas, jurídicas ou práticas, que não estão explicitamente detalhadas no Alcorão ou na Sunnah. (*Dicionário Islâmico: Termos e Conceitos*. Nova Fronteira, 1996).

sociedades se desenvolviam econômica, cultural e politicamente. A partir do século X, no entanto a lei islâmica começou a perder sua flexibilidade. O elemento esclarecedor da lei islâmica é chamado ijtiḥād. Algumas vezes chamado de “ijtiḥād intelectual”, já que os dois termos têm a mesma raiz (significado “lutar”), o ijtiḥād foi o meio utilizado pelos intelectuais para criar uma legislação dirigida às novas e diferentes circunstâncias no que se relacionavam as fontes: o Corão e Suna [...] (SONN. 2011, p. 188).

Podemos constatar a importância do ijtiḥād,<sup>5</sup> a flexibilidade da lei islâmica, para a evolução cultural do mundo muçulmano. Essa capacidade de adaptação nos fornece um contexto rico para discutir a relação entre a fé e o comportamento justo no islam. A fé, no islam, não é apenas uma crença intelectual, mas um compromisso de vida que molda a conduta individual e coletiva. A crença em um Deus único, justo e misericordioso impulsiona os muçulmanos a buscarem a justiça em todas as suas ações, seja nos negócios, nas relações familiares ou na comunidade.

O ijtiḥād, que se refere à interpretação independente dos textos sagrados por estudiosos qualificados, permite que a lei islâmica se adapte às mudanças sociais, políticas e econômicas, respondendo aos desafios da contemporaneidade. A flexibilidade da lei islâmica, no entanto, não significa relativismo moral. Pelo contrário, ela permite que os princípios fundamentais da fé sejam aplicados de forma mais eficaz a novas situações, garantindo assim a preservação dos valores islâmicos.

Tamara Sonn (2011) nos convida a refletir sobre a dinâmica entre o ijtiḥād, a legislação formal e a essência do comportamento justo no islam. Enquanto o ijtiḥād oferece uma ferramenta para a criação de leis que se adaptam às circunstâncias mutáveis, a essência do comportamento justo reside em um nível mais profundo, conectado diretamente à fé e aos valores islâmicos.

O ijtiḥād reconhece a existência de diferentes interpretações e opiniões sobre os textos sagrados, o que leva a uma diversidade de escolas jurídicas e práticas religiosas. O ijtiḥād sempre se baseia na Charia.<sup>6</sup> Os juristas muçulmanos utilizam os princípios e as fontes da Charia como ponto de partida para suas interpretações.

Essas novas circunstâncias, que indicam um pensamento autônomo, fomentaram a busca por informações sobre temas não relacionados à Sharia. Essa tendência se fundamentou

---

<sup>5</sup> **Ijtiḥād** (árabe: اجتهاد, translit. ijtiḥād, "esforço de reflexão") designa o esforço de reflexão que os ulemas ou muftis e os juristas muçulmanos empreendem para interpretar os textos fundadores do islam (o Corão e a Sunnah) e deles deduzir o direito islâmico ou informar o fiel sobre a natureza de uma ação (se é lícita, ilícita, reprovável, etc.). (*Dicionário Islâmico: Termos e Conceitos*. Nova Fronteira, 1996).

<sup>6</sup> **Sharia** (em árabe: الشريعة, transliteração: *Sharī'ah*) significa literalmente "caminho" ou "estrada para a água", mas no contexto islâmico refere-se à lei divina ou ao conjunto de normas e diretrizes que regem a vida dos muçulmanos com base no Alcorão e na Sunnah. (*Dicionário Islâmico: Termos e Conceitos*. Nova Fronteira, 1996).

na própria natureza humana, que busca conhecimento e orientação em diversas áreas. Os estudiosos da Sharia, também conhecidos como Ulemás, eram considerados autoridades religiosas, mas, ao se absterem de opinar sobre certos assuntos, incentivavam a busca por orientação na lei secular.

Apesar de o termo "Charia" ser referido apenas uma vez no Alcorão, o livro sagrado apresenta diversas outras diretrizes e leis que estabelecem a fundação do que posteriormente se tornou conhecido como Charia, especialmente com a inclusão das tradições proféticas. O versículo 48 da sura Al-Ma'idah (5:48)<sup>7</sup> do Alcorão aborda a base da lei islâmica, fundamentada nos ensinamentos de Deus (Alá) e nas ações e palavras do profeta Muhammad.

É importante destacar que a Sharia, apesar de se originar dessas fontes divinas, não estava completamente desenvolvida no momento da morte de Muhammad. Sua evolução ocorreu gradualmente dentro da comunidade muçulmana, a Umma, à qual a Sharia estava intrinsecamente ligada.

É perceptível o impacto que teve na fé de cada muçulmano, de acordo com a fé das quatro principais fontes de jurisprudência islâmica.: 1º Alcorão (القرآن): como modelo. 2º "Sunna (Caminho Percorrido): como tradições e práticas do profeta Muhammad. Quando o Alcorão não oferece pormenores adequados sobre um assunto. 3º Ijma' (إجماع): Consenso dos estudiosos islâmicos. 4º Qiyas (قياس): significa "medir" ou "comparar", simbolizando a prática de realizar.

Quando o Alcorão e a Sunna não oferecem respostas precisas, a comunidade busca orientações em outras fontes. A Sharia, contudo, transcende o sistema jurídico islâmico, sendo inerente a cada muçulmano e manifestando-se como uma busca por justiça e retidão. Ela vai além das normas derivadas do Alcorão, dos ensinamentos do profeta Muhammad e da fiqh (jurisprudência islâmica), incluindo as fatwas (decisões jurídicas dos estudiosos). Em sua essência, Sharia significa "o caminho claro para a água", representando a busca por clareza e orientação na vida.

“Não estudei nem na Palestina praticamente nem aqui. Cheguei aqui e era novo. Novinho. Não entendo nada. Mas de repente olha tem que agradecer a Deus. Tudo por ordem de Deus. Se você estiver bem intencionado Deus facilita. Se você quiser coisas além da outra vida Deus te dá. E se você quiser coisas mundiais também Deus te dá. Você escolhe. Deus criou o ser humano em perfeita criação. Criou nós aqui, sabe da direita, sabe da esquerda né...Sabe a verdade e sabe a mentira, não é? E sabe esse lado é bom, esse lado é ruim. Veja bem. Se você escolheu o lado bom e dispensou o lado errado você torna perante Deus melhor do que um anjo.” (HAMIDEH. Kamal, 2024).

<sup>7</sup> E, para ti, Muhammad, fizemos descer o Livro, com a verdade, para confirmar os Livros que havia antes dele e para prevalecer sobre eles. Então, julga, entre eles, conforme o que Allah fez descer. E não sigas suas paixões, **desviando-te** do que te chegou da Verdade. Para cada um de vós uma única comunidade, mas **não o fez**, para pô-ros à prova, com o que vos concedeu. Então, emulai-vos, pelas boas ações. A Allah será o retorno de todos vós. E ele vos informará daquilo de que discrepáveis. (Alcorão Sagrado 2005).

Xeique Kamal enfatiza a importância da fé individual e do livre arbítrio. Para ele, a crença em Deus é uma escolha pessoal, e a busca pela justiça é um caminho individual para aproximar-se do divino. Deus, nesse contexto, é apresentado como um guia que facilita o caminho para aqueles que buscam o bem. A escolha entre o bem e o mal está nas mãos do indivíduo, que é livre para escolher seu destino.

Embora pareçam divergentes à primeira vista, as perspectivas de Kamal e Sonn se complementam. A fé individual e profunda de Kamal encontra ressonância na busca pela justiça e na aplicação dos princípios da lei islâmica, como enfatizado por Sonn. Ambas as visões convergem para a importância da fé autêntica e do compromisso com a justiça na vida do muçulmano.

Enquanto Kamal enfatiza a experiência individual e a relação direta com Deus, Sonn destaca a importância da comunidade e da lei islâmica como um guia para a ação. A aparente contradição entre a fé profunda e pessoal de Kamal e o rigor intelectual do ijihad, como destacado por Tamara Sonn, pode ser resolvida ao compreendermos que ambas as perspectivas são complementares e necessárias para uma compreensão completa da fé islâmica.

A fé profunda e o rigor intelectual não são excludentes, mas sim complementares. A fé fornece a motivação para o estudo e a reflexão, enquanto o estudo e a reflexão aprofundam a fé. É importante encontrar um equilíbrio entre a fé pessoal e o rigor intelectual. A fé sem o rigor intelectual pode levar ao fanatismo, enquanto o rigor intelectual sem a fé pode levar ao ceticismo.

## 2. IMIGRAÇÃO EM GOIÂNIA: PROCESSOS HISTÓRICOS E IMPACTOS SOCIAIS

Neste estudo, foi elaborada uma metodologia para compreender o processo de imigração árabe em Goiás, iniciado na década de 1920. Os imigrantes árabes, incluindo sírio-libaneses, palestinos e egípcios, procuravam se estabelecer em cidades goianas onde havia laços familiares, principalmente ao longo das localidades que eram alcançadas pela expansão da Estrada de Ferro.

Esta via férrea atravessava cidades como Goiandira, Ipameri, Catalão, Roncador, Pires do Rio, Vianópolis, Silvânia, Leopoldo de Bulhões, Anápolis e Goiânia, conforme apontado por Nunes (2000, p. 93).

Na década de 1930, alguns desses imigrantes chegaram ao bairro de Campinas, que estava em fase inicial de desenvolvimento, integrando-se ao município que viria a se tornar a nova capital. Muitos árabes se destacaram como pioneiros no comércio local, especialmente no centro da cidade, com forte presença na Avenida Araguaia e na Rua Quatro, onde até hoje é possível encontrar lojas de seus descendentes.

À medida que Goiânia crescia rapidamente, o comércio se espalhava pela cidade, tornando-se um meio de subsistência amplamente acessível na época. Nunes também destaca a importância de Elias Bufáical na consolidação da cidade e na abertura do mercado imobiliário. Elias, filho de Ignácio Elias Bufáical, que veio de Zahle em 1898 aos 15 anos e se estabeleceu em Goiás em 1905, teve um papel relevante nesse desenvolvimento.

A participação do imigrante árabe e seus descendentes na edificação de Goiânia foi expressiva, principalmente no mercado imobiliário, na venda de lotes e na construção e comercialização de imóveis. Portanto, a figura do empresário árabe pode ser definida como a de um incorporador que escolhe a terra, analisa o mercado, providencia o projeto e mobiliza o capital necessário para a operação, combinando assim a função do proprietário fundiário especulador, com a do construtor e a do comercializador da mercadoria imobiliária. Em meio a essas atividades, destacou-se a figura de Elias Bufáical. Pioneiro da construção de Goiânia, ele aqui chegou por volta de 1940. A sua primeira atividade foi no comércio varejista, como sócio de seu irmão Nagib na Casa Glória, uma loja de artigos para senhoras, localizada na Avenida 24 de outubro, em Campinas. Posteriormente, estabeleceu seu próprio negócio, abrindo na área central uma loja de artigos finos, conhecida pelo nome de Mundo Elegante, onde se vendiam chapéus, calçados, sedas, armarinhos. (NUNES, 2000, p. 102).

A participação dos imigrantes árabes na construção de Goiânia foi marcante, especialmente no mercado imobiliário. Como destaca Nunes (2000, p. 102), a figura do empresário árabe se assemelha à de um incorporador, que articula terra, projeto e capital para construir e comercializar imóveis. Elias Bufáical, pioneiro na capital goiana, exemplifica essa

atuação. Chegando por volta de 1940, iniciou no comércio varejista, mas logo se estabeleceu com a "Mundo Elegante", loja de artigos finos no centro da cidade.

Essa trajetória ilustra a diversidade de experiências entre os imigrantes árabes em Goiás, conforme apontado por Nunes (2000). Aqueles com maior capital, como Bufáical, puderam investir em setores-chave como o mercado imobiliário e o comércio de luxo, enquanto outros buscavam oportunidades para construir uma vida melhor.

De modo geral, esses imigrantes assumiram papéis de liderança e se destacaram como empresários, contribuindo para o desenvolvimento econômico da cidade. Os recém-chegados ligavam suas chances na atividade em uma escala de sucesso ou superação. Nunes destaca mascates, varejistas, atacadistas e empresários. Além disso, destaca a importância que o trabalho agrícola na zona rural e o campo de trabalho ganharam, desempenhando um papel crucial nas atividades que as cidades necessitavam.

A expansão da ferrovia em Goiás, em 1922, impulsionou a atividade econômica de cidades como Pires do Rio e Roncador. O aumento do tráfego de trens e carros de boi intensificou o comércio de exportação, contribuindo para o desenvolvimento da região e para a posterior construção de Goiânia, em 1933. Anápolis, nesse contexto, manteve sua base rural e experimentou um crescimento acelerado (Nunes, 2000, p. 91).

Para os imigrantes que buscavam se consolidar no cenário econômico urbano, gradualmente, os primeiros imigrantes e pequenos comerciantes foram se estabelecendo com mais vigor. Portanto, Anápolis e Goiânia foram fundamentais para o progresso decisivo no êxito dos negócios na expansão do comércio árabe.

Nunes (2000, p. 91) descreve como os laços familiares, a dedicação ao trabalho e o foco em aproveitar as oportunidades foram essenciais para o sucesso dos árabes que chegaram em Goiás. Essas características, típicas da cultura migrante, ajudaram a construir a imagem de Goiânia como uma terra de oportunidades e atraíram pessoas dispostas a trabalhar duro para conquistar uma vida melhor.

Diferentemente dos imigrantes árabes que prosperaram em Campinas e nos bairros nobres de Goiânia, muitos imigrantes menos afortunados encontraram seu espaço em outros locais (2000, p. 105). Apesar de se dedicarem ao trabalho, esses imigrantes não alcançaram o mesmo sucesso financeiro, enfrentando longas jornadas e desafios para sustentar suas famílias. Suas histórias contrastam com as daqueles que conseguiram expandir seus negócios e acumular riquezas.

Um aspecto importante a ser observado é a diferença entre os imigrantes pioneiros bem-sucedidos e aqueles que enfrentaram dificuldades para se estabelecer em Goiás. Nunes (2000,

p. 105) destaca que, apesar do empenho no trabalho, muitos imigrantes enfrentaram desafios na adaptação à nova realidade e obstáculos para ingressar no estado. As adversidades econômicas e as dificuldades de adaptação limitaram as oportunidades de ascensão social desses imigrantes, criando uma disparidade em relação aos pioneiros que prosperaram.

Para entender melhor os árabes que se dedicavam ao trabalho duro, mantendo os valores tradicionais de cuidar de suas famílias, o papel das mulheres árabes no âmbito doméstico levou-as a participar não apenas dentro de casa, mas também fora dela, na luta pela sobrevivência e pelo desejo de voltar ao seu país de origem. A fim de estabelecer, mas sem a capacidade financeira, os setores de vendas e todos os empreendimentos que pudessem garantir lucro foram propostos como possibilidades.

Isso levou a um monopólio no comércio e no varejo de tecidos, fortalecendo a função de Mascates. Este tema será aprofundado no tópico seguinte, como uma estratégia e superação que esses imigrantes utilizaram para construir uma sólida estrutura familiar longe de seu país de origem.

## **2.1 Estratégias de Resistência, Integração e Superação**

A partir da década de 1920, com o desenvolvimento do processo de industrialização em Goiás, as necessidades econômicas e sociais passaram por uma transformação significativa, que afetou tanto a organização do trabalho quanto as oportunidades de inserção dos imigrantes árabes. Conforme observado na obra de Nunes (2005, p. 90), os imigrantes sírios e libaneses, em particular, desempenharam um papel central na configuração das rotas comerciais varejistas e atacadistas na região sudeste de Goiás, com destaque para o comércio de calçados, perfumes, roupas e tecidos. Para uma avaliação rigorosa dos preconceitos e discriminações que os imigrantes árabes sofrem no cenário goiano, é crucial entender as particularidades históricas e sociais desse grupo, conforme ilustrado no livro "A Imigração Árabe em Goiás".

Podemos adotar uma abordagem teórica que considere tanto os aspectos históricos quanto sociais dessa imigração. Vamos focar na contextualização histórica do fenômeno, discutir a discriminação enfrentada pelos imigrantes árabes e suas estratégias de resistência e superação.

A vinda de imigrantes árabes para Goiás aconteceu em um período marcado pelo preconceito racial e cultural na sociedade brasileira. Os imigrantes árabes, com suas tradições e crenças únicas, eram frequentemente vítimas de estigma e preconceito. Em particular, os

imigrantes muçulmanos enfrentaram o desafio de preservar práticas religiosas e culturais em um ambiente predominantemente cristão, onde suas crenças e hábitos poderiam ser mal interpretados ou até mesmo rejeitados.

Esse processo de preservação e adaptação pode ser compreendido a partir do conceito de identidade como construção dinâmica, apresentado por Stuart Hall (1996, p. 7-11). A identidade, nesse contexto, é constantemente renegociada, incorporando elementos do novo ambiente sociocultural sem perder os traços essenciais que definem o grupo. Para a comunidade muçulmana em Goiânia, a Mesquita desempenha um papel central nessa renegociação, funcionando como um espaço de resistência e reafirmação cultural, o que Manuel Castells (1997, p. 21-27) denomina "identidade de resistência". Essa identidade emerge como resposta à exclusão e ao preconceito, reforçando os laços comunitários e as práticas religiosas em meio aos desafios de integração na sociedade brasileira. Esse contexto provocou um processo de resistência e adaptação, onde os árabes elaboraram táticas para vencer preconceitos, estabelecer redes de apoio e manter sua identidade cultural, ao mesmo tempo que se ajustavam ao novo contexto social e econômico.

Segundo análise de Nunes (2000), os imigrantes árabes em Goiás e Goiânia passaram por processos de discriminação, que foram comuns a grupos estrangeiros em diferentes partes do Brasil.

Esses preconceitos tinham raízes em fatores sociais, culturais e religiosos, alimentados por estereótipos negativos sobre os imigrantes árabes, vistos como “estranhos” que não se integravam facilmente à sociedade local (NUNES, 2005, p. 141).

Os mascates<sup>8</sup> tiveram grande importância no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, especialmente em áreas rurais e pequenas vilas. No caso dos imigrantes árabes no Brasil, muitos sírios e libaneses começaram suas vidas como mascates, percorrendo diversas regiões do país, oferecendo suas mercadorias e estabelecendo suas bases econômicas antes de se fixarem em cidades e abrirem suas próprias lojas.

Essa fase inicial foi marcada pela atuação de famílias árabes que se destacavam como comerciantes, utilizando suas redes familiares e comunitárias para facilitar o acesso a mercadorias e expandir suas atividades comerciais. Contudo, a contínua expansão das relações

---

<sup>8</sup> A palavra "**mascate**" tem origem no árabe مَسْكَات (maskāt), que se refere a um vendedor ou comerciante itinerante. São vendedores ambulantes que comercializam produtos de porta em porta ou em locais públicos. O termo foi incorporado ao português, especialmente no Brasil, para descrever aqueles que vendem produtos de forma ambulante, frequentemente de casa em casa ou em locais públicos. A prática de ser mascate era comum entre muitos comerciantes, incluindo imigrantes árabes, que usavam esse método para estabelecer suas bases comerciais antes de abrir lojas fixas. AL-Hashimi, Muhammad Ali. *Dicionário Islâmico: Termos e Conceitos*. Nova Fronteira, 1996.

capitalistas e a integração dos trabalhadores de classes mais baixas ao sistema econômico, resultaram em transformações nas oportunidades de trabalho, tanto para imigrantes quanto para seus descendentes (NUNES, 2005. p 146).

Essas mudanças econômicas também tiveram impacto na identidade e na integração social da comunidade árabe em Goiás. Enquanto os primeiros imigrantes foram bem-sucedidos no comércio e na construção de uma base econômica sólida, as gerações seguintes tiveram que se adaptar às novas realidades do mercado de trabalho, enfrentando novos desafios, como a inserção em um mercado cada vez mais competitivo e globalizado.

As transformações nas relações de trabalho também afetaram a percepção pública da comunidade árabe. Se, no passado, os comerciantes árabes eram vistos como figuras influentes no desenvolvimento econômico de Goiás, hoje muitos descendentes enfrentam desafios relacionados à precarização do trabalho. No entanto, a resiliência e a capacidade de adaptação dos árabes continuam sendo traços marcantes de sua trajetória em Goiás.

Muitos imigrantes árabes iniciaram suas atividades econômicas no Brasil como mascates. Esse comércio itinerante foi responsável pela integração econômica desse grupo e, conseqüentemente, por uma série de preconceitos populares que reforçaram seu estereótipo como "imigrantes pobres vindos do Levante que começaram sua carreira como mascates itinerantes". Na metade dos anos 30, grande parte da elite brasileira considerava que o sucesso dos mascates era "biológico" (DEFFONTAINES, 1936, p. 27, *apud* NUNES, 2005, p. 146).

Muitos imigrantes árabes começaram vendendo coisas pelo Brasil como mascates. Isso ajudou eles a se integrarem na economia, mas também gerou preconceito, já que muita gente os via como "imigrantes pobres que começaram como vendedores ambulantes". E para piorar, na década de 30, a elite brasileira acreditava que o sucesso desses mascates era coisa de "sangue", como se eles tivessem nascido com um "dom" para o comércio (2005, p. 146).

Naquela época, as teorias racistas dominavam o pensamento científico e social, e diziam que a "astúcia", a "resiliência" e o "espírito comercial" dos árabes eram características naturais, que já nasciam com eles. Esta visão "biológica" do sucesso dos mascates revelava preconceito e reducionismo cultural, ao associar as habilidades e conquistas dos imigrantes árabes a habilidades aprimoradas herdadas, em vez de considerar os fatores históricos, sociais e econômicos que impulsionam o avanço das atividades comerciais dos imigrantes.

Essa visão supervalorizou o esforço, a persistência e as táticas de adaptação desenvolvidas por esses imigrantes, reforçando estereótipos e marginalizando a participação ativa desses imigrantes.

O processo de adaptação dos descendentes de imigrantes árabes às novas circunstâncias econômicas demonstra a competência constante deste grupo em reagir às alterações no mercado e em buscar novas rotas para prosperar.

A evolução tecnológica e a modernização nas últimas décadas modificaram o ambiente de trabalho, ampliando as oportunidades para além do comércio convencional, que por muito tempo se destacou como o principal campo de trabalho para muitos imigrantes e seus descendentes.

Com a chegada da economia digital, surgiram novos modelos de negócio e emprego, particularmente por meio de plataformas de entrega, aplicativos de transporte, comércio eletrônico e marketing digital. Esta mudança é especialmente clara entre os jovens descendentes, que aproveitam essas chances para inovar, diversificar suas fontes de renda e entrar em mercados altamente dinâmicos e competitivos.

Portanto, o perfil do trabalhador e do empresário moderno entre os senegaleses reestrutura, preservando o espírito de resiliência e adaptabilidade, porém agora estimulado pelas tecnologias emergentes. Trabalhadores de origem árabe são agora encontrados em setores como entregas por aplicativos, distribuição de panfletos e comércio informal, como a venda de bijuterias e bebidas, conforme a fala de Fátima, esposa de Kamal, ao relatar sobre a sobrevivência dessas pessoas que trabalham de forma informal. Mostrando a realidade daqueles que nem se quer pedem ajuda, mas vão se organizando para sua própria sobrevivência. Assim, conforme a entrevista:

“Mas eles se viram do primeiro dia que chegam. Esses não pedem socorro, não pedem apoio para a mesquita, não pedem nada. Eles vão direto, já pegam a malinha deles, saem vendendo e fazem dinheiro e alimentam 20 lá na África. Eles têm umas famílias... E é muito bonito que eu perguntei pra ele como é que era lá na família deles. Perguntei o Serine. Ele falou assim, lá todo mundo mora perto e a cozinha é uma só pra todo mundo. Então a gente come todo mundo junto, a gente dorme todo mundo um perto do outro, um na casa do outro. E são primos e irmãos. Eles são primos, mas se reconhecem como irmãos. São muito lindos.” (HAMIDEH. Fátima, 2024).

Como se pode ver na entrevista, Fátima relata as experiências de diversos senegaleses que, apesar das dificuldades, constroem seus caminhos no trabalho informal com notável autonomia. "Mas eles se viram do primeiro dia que chegam. Esses não pedem socorro, não pedem apoio para a mesquita, não pedem nada. Eles vão direto, já pegam a malinha deles, saem vendendo e fazem dinheiro e alimentam 20 lá na África", destaca Fátima, ilustrando a capacidade de organização e a busca por independência desses imigrantes.

Mostram-se capazes apesar do peso da dificuldade de imigrar-se longe de suas terras, mas enfrentam com uma certa coragem e prudência religiosa e vencendo todos os obstáculos. A valorização da autossuficiência, a solidariedade e a unidade familiar são características marcantes presentes na cultura senegalesa. Fátima ressalta que, ao se estabelecerem em um novo local, os muçulmanos, ao invés de buscar auxílio imediato, como assistência da mesquita ou de outros serviços, se estruturam rapidamente, trabalham e produzem recursos para prover suas famílias e comunidades.

O grupo muçulmano em Goiânia demonstra resiliência e praticidade diante dos desafios, evidenciando a importância da solidariedade e da fé. Fátima, ao enfatizar a união e o suporte mútuo entre os fiéis, realça a força coletiva e a coesão social, aspectos essenciais não apenas para o islam, mas também para outras culturas que valorizam a convivência comunitária.

Esse novo cenário é uma resposta às mudanças impostas pela globalização e pela digitalização da economia, que transformaram as oportunidades de trabalho para muitos descendentes de imigrantes. Ao mesmo tempo em que essas novas formas de trabalho representam um meio de sobrevivência econômica, elas também revelam a precarização de certas atividades laborais.

A transição de comerciantes bem estabelecidos para trabalhadores na economia informal, muitas vezes sem garantias ou benefícios trabalhistas, reflete as dificuldades que muitos descendentes de imigrantes árabes enfrentam no cenário econômico contemporâneo.

Nesse sentido, a pesquisa de Nunes aponta que a classe trabalhadora, incluindo descendentes de imigrantes árabes, começou a diversificar suas atividades econômicas.

Com o progresso do desenvolvimento industrial e a crescente diversificação do mercado de trabalho, numerosos imigrantes árabes e seus descendentes expandiram suas atividades para além do comércio tradicional, conquistando posições nos segmentos industrial e de serviços. Porém, essa mudança econômica e a entrada em novos campos de trabalho não foram livres de obstáculos.

Os imigrantes lidam com diversos estigmas ligados à sua cultura, fé e modo de vida, sendo muitas vezes percebidos com desconfiança. Por exemplo, no setor de serviços, onde a interação com o público é frequente, muitos descendentes de árabes sofreram discriminação devido a diferenças culturais ou religiosas, como o uso de roupas específicas ou sotaques distintos.

Os imigrantes árabes em Goiás enfrentaram diversas formas de preconceito, incluindo a discriminação religiosa, uma vez que muitos eram muçulmanos ou cristãos ortodoxos em uma sociedade predominantemente católica. O choque cultural também gerou desconfiança, com

suas roupas, língua e costumes sendo vistos como "estranhos" e alimentando estereótipos sobre sua integração. Além disso, o sucesso comercial de muitos árabes provocou desconfiança econômica e acusações de competição desleal pelos recursos e mercado local, intensificando a discriminação social.

O Xeiqe Kamal, figura central da fundação da Mesquita em Goiânia, é um imigrante palestino que chegou ao Brasil por volta de 1960. Sua trajetória reflete a experiência de muitos muçulmanos que buscaram no Brasil novas oportunidades, enfrentando desafios econômicos, culturais e sociais.

“Muitas pessoas estrangeiras vêm aqui, não conhecem o sistema aí, eu estava na frente, brigava comigo, discutia, chegava até em mim e eu ia para lá, esse dia eu cumprimentei ela, bom dia senhora, ela não respondeu, virou as costas, eu pensei que ela não tinha escutado, aí falei mais uma vez, bom dia senhora, ela não respondeu, virou as costas e continuou varrendo para lá, bom dia senhora, ela disse, sai daqui, senão eu vou chamar a polícia. Isso é que houve, eu estou na casa de Deus, não posso mentir, e é verdade, eu não fiz nada, eu falei, não sei senhora, fica com Deus senhora.” (HAMIDEH. Kamal, 2024).

“Eu não tenho comigo nenhuma marca que eu me recorde de preconceito. Mas a comunidade viveu. Aqui a gente tem uma vizinha extremamente racista, islamofóbica, que fica jogando água nas pessoas, joga sujeira nas pessoas, joga barro nas pessoas. Ela é um caso de muita paciência. A gente não levou isso adiante no sistema jurídico, porque a gente se inspira nas ações do profeta Muhammad, que tinha um judeu que jogava lixo na porta da casa dele durante anos, e ele teve paciência, e esse judeu um dia se reverteu e virou muçulmano. Então a gente faz a mesma coisa com ela, a gente tem paciência com ela. Sober, né? Sober.” (HAMIDEH. Fátima, 2024).

A fala do xeiqe Kamal, na primeira citação, destaca uma experiência positiva de convivência e diversidade em Goiânia. Embora mencione um episódio isolado de preconceito envolvendo uma vizinha, ele enfatiza o respeito e a receptividade que os muçulmanos têm encontrado na cidade.

Kamal ressalta que, nos cinco anos de existência da mesquita, o único episódio de intolerância registrado foi o de uma vizinha, cuja atitude refletiu rejeição e segregação. Contudo, ele enfatiza que essa ocorrência foi uma exceção, destacando o respeito e o reconhecimento que a mesquita e seus membros recebem da maioria.

O relato do xeiqe também evidencia a capacidade do grupo muçulmano de se integrar e ser acolhido em um ambiente diverso. Ao mencionar casos em que pessoas visitam a mesquita, recebem orientação e saem satisfeitas, Kamal reforça a importância do diálogo e da troca de experiências.

É importante destacar que a experiência relatada por Kamal pode não abranger a totalidade das vivências dos muçulmanos em Goiânia, uma vez que outros membros da comunidade podem ter enfrentado situações de preconceito ou discriminação não abordadas na

entrevista. Ainda assim, o relato do xeique apresenta um panorama positivo sobre a interação entre os muçulmanos e a sociedade local, evidenciando a possibilidade de convivência pacífica e respeitosa em um contexto diverso.

Fátima complementa o relato do xeique Kamal na segunda citação, confirmando a existência de preconceito direcionado à comunidade muçulmana em Goiânia, personificado na figura de uma vizinha “extremamente racista e islamofóbica”. Ela descreve atos concretos de discriminação, como a vizinha jogando água, sujeira e barro nas pessoas. Esses atos vão além de simples desacordos ou incompatibilidades, configurando-se como agressões motivadas por preconceito religioso e racial.

No entanto, Fátima demonstra uma postura de resistência pacífica, inspirada nos ensinamentos do profeta Muhammad. Ela relata a história do profeta que, por anos, suportou as agressões de um vizinho judeu que jogava lixo em sua porta. A paciência do profeta foi recompensada com a conversão do vizinho ao islam.

Diante do preconceito manifestado pela vizinha, Fátima e o núcleo de fiéis optaram por não recorrer ao sistema jurídico, preferindo abordar a situação com paciência e diálogo. Essa escolha reflete um esforço em promover o entendimento e o respeito pela fé islâmica, alinhando-se aos princípios de tolerância e mediação que orientam suas práticas religiosas.

A postura destacada por Fátima reflete a valorização de princípios como compreensão e diálogo na busca por transformação social, mesmo em cenários marcados por hostilidade. Ao complementar a narrativa de Kamal, ela ressalta que, apesar dos desafios enfrentados pela comunidade muçulmana em Goiânia, a prática da fé e os ensinamentos do profeta Muhammad são fundamentais para superar adversidades. Essas práticas sustentam esforços contínuos para promover a paz e a convivência respeitosa.

## **2.2 Influência da distribuição geográfica na formação e transformação cultural**

O estudo dos processos de imigração, com suas nuances e impactos na vida humana, revela a importância da análise cultural. Nunes, (2000) em sua obra aborda essa perspectiva ao investigar a distribuição geográfica dos imigrantes em Goiás. A partir de registros de nascimento de descendentes árabes e estrangeiros, a pesquisa destaca cinco municípios: Anápolis, Catalão, Goiânia, Ipameri e Pires do Rio. Este estudo está ligado a presença de imigrantes em Goiás, se baseia inicialmente pelo IBGE, logo depois foi realizado um

levantamento documental, nos cartórios de registro civil dos municípios goiano. (NUNES, 2000, p. 69-71). São três quadros da pesquisa de distribuição geográfica:

**Quadro 1**  
**Imigrantes estrangeiros em Goiás -1920**

<b>Nacionalidade</b>	<b>Goiás</b>
Turquia	528
Portugal	304
Itália	2068
Espanha	192

Fonte: NUNES, Anpu. *A imigração Árabe em Goiás*, Anuário Estatístico do Brasil. 1946

**Quadro 2**  
**Registros de nascimento de descendentes**  
**árabes nos municípios selecionados**

<b>Cidade</b>	<b>de</b>	<b>Sexo</b>	<b>Total</b>
Anápolis		F	397
		M	435
Catalão		F	371
		M	336
Goiânia		F	493
		M	515
Ipameri		F	208
		M	207
Pires do Rio		F	132
		M	117
<b>Total</b>			<b>3.211</b>

Fonte:  
NUNES,  
Anpu. *A*  
*imigração*  
*Árabe em*  
*Goiás,*  
Anuário  
Estatístico  
do Brasil.  
1946

**Quadro 3**  
**População estrangeira em Goiás e no Brasil**  
**segundo as oito principais nacionalidades -1940**

<b>Nacionalidade</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>
Portugueses	203	354.311
Italianos	237	285.124
Espanhóis	127	147.897
Japoneses	138	140.693
Alemães	284	89.038
Sírios	657	45.786
Poloneses	23	41.039
Uruguaios	6	21.744
Outros	197	158.201
<b>Total</b>	<b>1.854</b>	<b>1.283.833</b>

Fonte: NUNES, Anpu. *A imigração Árabe em Goiás*, Anuário Estatístico do Brasil. 1946

Com base nos quadros da pesquisa de distribuição geográfica, que revelam a presença de descendentes árabes em Goiás, analisar o histórico da imigração árabe na região se torna essencial para compreender a presença do islamismo e sua influência na cultura local. Afinal, os primeiros imigrantes estrangeiros em Goiás, desde 1940, incluíam pessoas de origem árabe, vindas principalmente das regiões da Turquia, Portugal, Itália e Espanha. Compreender esse quadro, com foco nos municípios onde houve maior concentração de nascimentos de descendentes árabes, nos ajuda a perceber como essa imigração contribuiu para a influência da cultura muçulmana em famílias do Estado de Goiás.

A partir da análise histórica apresentada, a contribuição de diferentes povos na sociedade goiana se torna clara. Os dados não só confirmam a importância da imigração na formação cultural de Goiás, como também revelam a influência da localização geográfica nas dinâmicas culturais e sociais das cidades estudadas. Considerando as projeções do Pew Research Center sobre o crescimento da população muçulmana em escala global, a relevância

de pesquisas que ligam elementos históricos, demográficos e culturais se torna ainda mais clara para entender a construção da identidade de uma região.

Desde sua fundação em 1919, estabelecida por Benjamin Lins e Oscar Joseph de Plácido Silva, o jornal *Gazeta do Povo*, por meio de sua seção *Sempre Família*, tem abordado temas relacionados à religião e sociedade. Em uma publicação de 1º de junho de 2017, a equipe da *Sempre Família* destacou as projeções realizadas pelo Centro de Pesquisa (Pew Pew Research Center), que indicam uma tendência global de aumento nos nascimentos de muçulmanos em comparação aos de cristãos.

O Centro de Pesquisa Pew, um dos mais renomados institutos de pesquisa dos Estados Unidos, que inclui uma projeção do Pew Research Center, busca elucidar o crescimento populacional atual, que se espera que aumente a população muçulmana.

Segundo o estudo, entre 2010 e 2015, nasceram 213 milhões de bebês de mães muçulmanas e 223 milhões de cristãs. Entre 2030 e 2035, porém, nascerão 225 milhões de bebês de muçulmanas e 224 milhões de cristãs. Para o período 2055-2060, essa projeção vai para 232 milhões entre muçulmanos e 226 milhões entre cristãos. A população cristã total, porém, continuará maior do que a muçulmana. (SEMPRE FAMÍLIA, 2017).

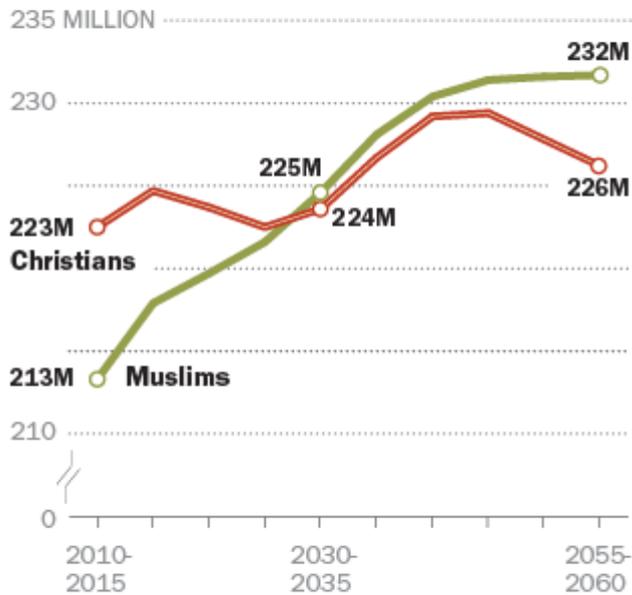
De acordo com o Pew Research Center, a explicação das causas foca na "Projeção demográfica", que inclui tanto o cristianismo quanto o islamismo, como responsáveis pelo crescimento demográfico da população global até 2060. Também menciona o envelhecimento da população cristã nos próximos anos, o que representa uma parcela significativa das mortes globais.

Em 2015, representavam 31% da população cristã global, um crescimento de 7% desde 2010, alcançando 37%. Ao contrário da Europa, onde a proporção de cristãos já ultrapassa a de nascimentos. Apenas Espanha, França, Suíça, Irlanda, Polônia, Finlândia, Islândia e Noruega apresentaram taxas de mortalidade inferiores às de nascimentos entre cristãos.

Por outro lado, a população muçulmana se expandirá graças às taxas de fertilidade mais elevadas, crescendo entre 2055 e 2060 mais de 70%. Este dado indica que, de 24% da população em 2015, atingirá 31% em 2060. Levando em conta o crescimento maior que o de cristãos em 2060, teremos 3 bilhões de muçulmanos no planeta, contra 3,1 bilhões de cristãos.

## Babies born to Muslims will begin to outnumber Christian births by 2035

*Estimated number of babies born, by mother's religion, during each five-year period*



Source: Pew Research Center demographic projections.  
See Methodology for details.  
"The Changing Global Religious Landscape"

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Centro de Pesquisa de Projeção Demográfica.

“O Cenário Religioso Global em Mudança”

CENTRO DE PESQUISA PEW

A avaliação da historicidade da imigração e do aumento da população ressalta a relevância de entender os processos que formam as identidades culturais e religiosas em cenários regionais e mundiais. Os desafios na atualização de registros locais, como em Goiás, indicam a necessidade de uma organização e acesso mais eficientes às informações, essenciais para pesquisas que liguem o passado às mudanças contemporâneas.

A pesquisa realizada pelo Pew Research Center enriquece essa discussão, evidenciando como as flutuações populacionais mundiais impactam a diversidade cultural e religiosa, inclusive em áreas específicas. As projeções apontam para um aumento expressivo da população muçulmana nas próximas décadas, o que enfatiza a importância de entender a

influência cultural e religiosa das comunidades imigrantes e seu impacto na sociedade local e mundial.

Além disso, as projeções do Pew Research Center indicam tendências notáveis no aumento das comunidades muçulmanas, ultrapassando em número de nascimentos os cristãos em certos períodos futuros, mesmo que o cristianismo permaneça como a maioria na população total. Esta informação destaca a dinâmica contínua das interações culturais e demográficas no contexto mundial, destacando a importância de pesquisas que combinem visões históricas e projeções para o futuro.

Assim, entender as migrações e suas repercussões não é meramente um exercício de recordação histórica, mas um instrumento crucial para analisar os efeitos culturais e sociais que afetam o presente e moldam o futuro, seja em um cenário regional ou global. Kamal expressa sua visão sobre o crescimento do islamismo da seguinte maneira:

Na Europa, há muitos países, onde se anda, se depara com o muçulmano, muçulmano, muçulmano. Vai na Alemanha, muçulmano. Vai na Inglaterra, muçulmano. Na França, muçulmano. Todos os lugares, muçulmano, muçulmano. Com toda a ruína, com toda a adversidade, eles estão indo para frente. Não é só na Europa, nos Estados Unidos, no mundo todo, uma religião que mais cresce. Mas por que uma religião muçulmana que mais cresce? Porque a religião é preferida de Deus. (HAMIDEH. Kamal, 2024).

Segundo a resposta do Xequie Kamal ao perguntar o que ele acha sobre o aumento de muçulmanos segundo a pesquisa, sua resposta sobre o aumento do islam é visto como uma evidência de sua "preferência por Deus" e de que os muçulmanos são "submissos a Deus.

Esta perspectiva teológica se baseia em conceitos islâmicos. A partir da resposta do Xequie, percebe-se que o crescimento do número de muçulmanos também está relacionado ao fator religioso. Não apenas devido ao aumento da natalidade ou imigração, mas também porque se percebe a questão da fé, a opção pela obediência, ou aspectos como a preferência primordial de família que influencia outras famílias, do que permeia e atribui sentido e valor ao comportamento humano.

A mensagem do islam ganha força em contextos onde a submissão à vontade de Deus é priorizada, sendo percebida pelos fiéis como uma resposta prática às demandas de suas vidas. A relevância da fé islâmica é reforçada pelos testemunhos e experiências dos muçulmanos, que frequentemente facilitam a conversão de novos adeptos, promovendo diálogos entre a tradição islâmica e as culturas contemporâneas.

A fala do xequie reflete uma visão que associa o crescimento e a resiliência do islam à ideia de que a religião é agraciada por Deus, o que explicaria sua expansão mesmo diante de

adversidades. Ao mencionar o crescimento global do islam, o xeique parece se referir a dados demográficos que apontam o aumento do número de muçulmanos, tanto em países tradicionalmente islâmicos quanto em regiões como Europa e Estados Unidos.

Essa expansão pode ser atribuída a diversos fatores, incluindo migração e taxas de natalidade, mas também ao papel central da fé na vida dos fiéis. Para o xeique, o avanço do islam é interpretado como uma prova da autenticidade da religião e de sua posição como uma revelação divina, fortalecida pela proteção e favor de Deus.

### **3. O CHAMADO E A FUNDAÇÃO DA MESQUITA: A JORNADA ESPIRITUAL E O LEGADO DO CASAL HAMIDEH**

Nascido em uma família profundamente enraizada na fé islâmica, com gerações de muçulmanos o precedendo, Kamal Hamideh teve suas origens na Palestina. Nascido em Ramallah situada no centro da Cisjordânia, aproximadamente 15km ao norte de Jerusalém. É nesse contexto, permeado pela tradição e pelos laços familiares, que sua identidade se forjou.

A entrevista revelou que a formação de Kamal Hamideh ocorreu em um ambiente cultural diversificado, embora detalhes específicos sobre sua educação não tenham sido mencionados. Em 1960, ainda menor de idade, Kamal migrou da Palestina para o Brasil, passando por Síria e Líbano, em uma viagem de 23 dias realizada por navio. Essa mudança marcou o início de uma nova etapa em sua trajetória de vida e inserção em um contexto sociocultural distinto.

Ao chegar ao porto de Santos, Kamal enfrentou dificuldades administrativas devido à sua condição de menor de idade, que quase impossibilitaram sua entrada no Brasil. Por meio da intervenção de seu pai e de um advogado, foi possível ajustar sua documentação “aumentando” sua idade em cinco anos, permitindo sua permanência no país. Após a chegada, Kamal seguiu para Anápolis, Goiás, onde seu pai possuía uma pequena loja. Foi nesse contexto que Kamal iniciou sua vida no Brasil, antes do impacto global causado pela Guerra dos Seis Dias em 1967<sup>9</sup>.

Em Anápolis, Kamal se juntou ao pai no trabalho de mascate, carregando malas pesadas e vendendo mercadorias em diferentes cidades, inclusive na Cidade Livre, em Brasília, durante

---

<sup>9</sup> A Guerra dos Seis Dias, iniciada em junho de 1967, foi resultante de disputas geopolíticas e territoriais entre Israel e seus vizinhos árabes, especialmente Egito, Síria e Jordânia. Entre os principais fatores, destacam-se a disputa pelo controle de territórios estratégicos, como a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e os Montes Golã; o bloqueio do estreito de Tiran pelo Egito, que prejudicou a navegação israelense e aumentou as tensões; e a formação de alianças militares entre Egito, Síria e Jordânia, hostis a Israel, culminando em uma escalada militar. A guerra resultou na ocupação de amplos territórios por Israel, ampliando significativamente o conflito árabe-israelense. As repercussões desse conflito foram profundas. O aumento do território sob controle israelense intensificou as tensões com os países árabes e agravou a questão palestina, aprofundando a crise dos refugiados e fortalecendo movimentos nacionalistas como a OLP (Organização para a Libertação da Palestina). Globalmente, a guerra polarizou ainda mais as alianças da Guerra Fria, com os países árabes aproximando-se da União Soviética, enquanto Israel consolidava sua parceria com os Estados Unidos. A ONU, por meio de resoluções como a 242, buscou mediar o conflito, propondo a troca de territórios ocupados por paz, mas sem sucesso. A Guerra dos Seis Dias consolidou Israel como uma potência militar, mas perpetuou o ciclo de violência e instabilidade no Oriente Médio. Seus desdobramentos continuam a influenciar as relações regionais e o impasse no processo de paz até os dias atuais. (GOODMAN, Micah. 2020)

sua construção. A experiência como mascate colocou Kamal em contato com a diversidade do Brasil, com seus imigrantes e diferentes culturas.

A trajetória de Kamal Hamideh evidencia a influência das raízes familiares no processo de migração e adaptação a um novo contexto sociocultural. Sua experiência, marcada pelos desafios inerentes à imigração, como a adaptação a um país estrangeiro e a superação de barreiras administrativas, reflete o papel da resiliência e da determinação no enfrentamento dessas circunstâncias. Além disso, sua história integra-se à narrativa mais ampla da diversidade cultural que caracteriza o Brasil, contribuindo para a compreensão das dinâmicas sociais relacionadas à imigração e à construção de comunidades.

Fátima Hamideh, brasileira convertida ao islam há um ano, buscava aprofundar seus conhecimentos sobre os preceitos da oração islâmica. Durante sua visita à mesquita de Anápolis, foi recebida pelo xeique Kamal, que atuava como responsável pelo acolhimento de visitantes. A interação inicial, marcada pela hospitalidade e orientação religiosa oferecida por Kamal, resultou em um vínculo que se consolidaria ao longo do tempo.

A busca de Fátima por conhecimento religioso resultou em uma aproximação significativa com Kamal, culminando em sua decisão de propor casamento. Kamal interpretou o encontro como um acontecimento providencial, enquanto Fátima, reconhecendo sua seriedade e os valores que compartilhavam, aceitou a proposta. Um mês após o início dessa interação, formalizaram a união, orientada por princípios religiosos e valores comuns, reforçando a coesão de sua parceria.

A mesquita de Anápolis, onde Kamal e Fátima se conheceram, desempenhou um papel importante no início de sua trajetória conjunta, marcando o início de uma parceria consolidada ao longo dos anos. O encontro, motivado pela busca de Fátima por aprofundamento espiritual, evidencia como espaços religiosos podem atuar como catalisadores de vínculos sociais e fortalecer a centralidade da fé na vida comunitária e individual.

A narrativa sobre a construção da mesquita tem início com a afirmação "Essa mesquita nasceu do nada", acompanhada por uma expressão de surpresa. A referência à "ordem de Deus" presente no relato reflete a percepção dos envolvidos sobre o caráter sagrado atribuído ao empreendimento, indicando como a dimensão religiosa moldou o significado e a motivação do projeto no imaginário da comunidade. Conforme Mircea Eliade (2010, p. 20-21), a hierofania ocorre quando o sagrado se manifesta em um espaço ou evento, conferindo a ele um significado transcendente. Nesse sentido, a percepção da construção da mesquita como um ato orientado pela "ordem de Deus" reflete o papel do sagrado na organização simbólica da comunidade muçulmana local.

Após 15 anos atuando na administração da mesquita de Anápolis, Kamal Hamideh afastou-se devido a desentendimentos internos, passando a frequentar uma *mussalla* em Nerópolis. A *mussalla*, caracterizada como um espaço menor e mais simples destinado às orações, contrastava com a estrutura planejada para a nova mesquita em Goiânia. Foi nesse contexto de transição e reorganização que surgiu a ideia de construir a Mesquita “Al Taubah”, um projeto voltado para atender às demandas religiosas e sociais do núcleo de fiéis local.

A esposa de Kamal desempenhou um papel significativo no processo de construção da nova mesquita. Apesar das limitações estruturais da *mussalla*, ela insistia em referir-se a ela como uma mesquita, demonstrando sua determinação e confiança na concretização do projeto. Sua persistência reflete o papel da fé como motivação central nesse empreendimento coletivo. A construção da mesquita foi marcada por expressões de gratidão e reconhecimento, exemplificadas pela frase “Allahu Akbar” (Deus é grande), frequentemente utilizada para simbolizar o agradecimento e a celebração de conquistas na tradição islâmica. Kamal, por sua vez, atribui o sucesso do projeto ao que descreveu como a “força de Deus”, reconhecendo as contribuições espirituais e comunitárias que tornaram possível sua realização.

A primeira etapa do processo de construção da mesquita envolveu a formalização legal da instituição, tarefa facilitada por Rosângela, uma advogada que desempenhou papel crucial ao elaborar o estatuto da organização. Embora Rosângela tenha falecido, sua contribuição é lembrada como essencial nesse momento inicial. Durante esse período, Fátima e outras mulheres da comunidade organizaram reuniões, redigiram a ata de fundação e estruturaram o estatuto, surpreendendo Kamal ao nomeá-lo presidente da instituição. A iniciativa de Fátima reflete sua visão sobre o papel das mulheres na fé islâmica, expressa no desejo de criar um espaço em que tivessem maior representatividade e não fossem relegadas a posições subalternas.

“Em verdade, uma mesquita fundada sobre a piedade, desde o primeiro dia, é mais digna de que nela se detenha, nela há homens que amam purificar-se, e Alá ama os que se purificam. Pensa na felicidade que eu senti.” (HAMIDEH. Fátima, 2024)

No relato de Fátima sobre a história da mesquita, destaca-se sua determinação e a centralidade da fé como motivação para a concretização do projeto. Um aspecto relevante da narrativa é a divergência entre Fátima e Kamal quanto à denominação do espaço de oração. Enquanto Kamal preferia referir-se ao local como “mussalla”, um termo usado para designar espaços menores e temporários de oração, Fátima insistia em chamá-lo de “mesquita”, enfatizando sua importância simbólica e espiritual para a comunidade. Essa diferença de

perspectiva reflete abordagens distintas sobre a significação e o papel do espaço, evidenciando a convicção de Fátima em considerar o local já dotado do caráter de uma mesquita, mesmo antes da conclusão de sua estrutura.

Diante da divergência sobre a denominação do local de oração, Fátima sugeriu que Kamal consultasse o Alcorão em busca de orientação. Ao fazê-lo, Kamal encontrou a Surata 108<sup>10</sup>. Esse momento foi interpretado pelo casal como uma confirmação da visão de Fátima, reforçando o papel do espaço como uma verdadeira mesquita e não apenas uma *mussalla*. A referência à Surata 108 marca um ponto de inflexão na narrativa, consolidando a percepção do local como um marco religioso e comunitário para os muçulmanos de Goiânia.

A escolha do nome da Mesquita, "Al Taubah", em referência à Surata 108, reforça a importância da fé e da intuição na concretização do projeto. A participação de Fátima, marcada por sua persistência e orientação religiosa, foi fundamental para a materialização do projeto, consolidando a mesquita como um marco sagrado e de referência para a comunidade local.

"Aí eu falei assim, abre o coração, aí ele abriu o coração, eu falei assim, acha Taubah presente. Aí eu falei assim, abre o coração, aí ele abriu, eu falei, o que você leu? Ele falou que foi Taubah, eu falei, qual versículo? Ele falou 108, é o nome da mesquita aqui, Deus deu para ele Taubah Surata 108, que diz que esta é uma mesquita, ele disse para ele, naquele dia de noite, Alá disse para ele, aqui é uma mesquita, não é Moussala, é mesquita, uma mesquita levantada na base da piedade, é melhor que nela se detenha, porque aqui amam os que se purificam e aqui amam os purificados. Aí eu vou te mostrar, Taubah."

A escolha do nome "Al Taubah" para a Mesquita, associada à Surata 108 do Alcorão, reflete o significado espiritual atribuído ao espaço por Kamal e Fátima. O relato de Fátima sobre o momento em que Kamal consulta o Alcorão e identifica a Surata 108 evidencia a centralidade da busca por conhecimento e da prática da fé na trajetória do casal. "Aí eu falei assim, abre o coração, aí ele abriu o coração, eu falei assim, acha Taubah presente", relata Fátima, demonstrando sua convicção na importância da revelação divina. Como observa Geertz (2012, p. 65-67), a religião funciona como um sistema cultural que confere significado às práticas humanas, um sistema religioso é formado por símbolos sagrados que mediam o conhecimento das condições essenciais da vida, proporcionando uma base para a ação e o sentido comunitário. Como Geertz

---

<sup>10</sup> A Surata 108 Al-Kawthar (الكوثر). 1. Por certo, Nós te demos Al-Kawthar 2. Então, ora a teu Senhor e imola as oferendas. 3. Por certo, quem te odeia será ele o sem posteridade. O nome "Kawthar" significa "abundância" ou "grande bem", e a surata é uma promessa de graça e favores generosos de Deus para o Profeta Muhammad e seus seguidores. É uma das suratas mais curtas, contendo apenas três versículos. Ela é considerada uma surata de consolo e uma mensagem de bênçãos de Deus.

sugere, a prática religiosa conecta a visão de mundo da comunidade com seu **ethos**, permitindo que valores espirituais e simbólicos se reforcem mutuamente.

O termo "Al Taubah", que pode ser traduzido como "O Arrependimento", carrega significados associados à busca por purificação espiritual e ao reconhecimento das falhas humanas. A mesquita "Al Taubah" emerge como um símbolo de renovação e aperfeiçoamento, configurando-se como um espaço de reunião da comunidade islâmica para o fortalecimento de vínculos sociais e a prática religiosa. A narrativa de Kamal e Fátima, relacionada à Surata 108, atribui à mesquita um significado simbólico particular. A trajetória do casal, marcada pela busca por conhecimento e pela abertura ao diálogo, contribuiu para consolidar a mesquita como um ambiente de respeito, acolhimento e promoção de valores compartilhados pelos fiéis.

### **3.1 A fundação da Mesquita: O legado da Hégira em Goiânia**

"A mesquita já está pronta, porque ela funciona como mesquita, mas ela vai ter um novo layout. Esse novo layout, só Alá sabe a data certa que vai estar pronta, porque o dinheiro do mundo é de Alá, Ele põe na mão de quem ele quer, na hora que ele quer. E a gente está aqui para esperar." (HAMIDEH. Fátima, 2024)

A narrativa de Fátima sobre a mesquita em construção ilustra a profunda fé e a confiança na providência divina que permeiam sua vida e a de seu marido, Kamal. Conforme Mircea Eliade (2010, p. 21), o espaço sagrado não é definido apenas por sua estrutura física, mas pela capacidade de conectar o humano ao divino, transformando um local comum em um ponto de encontro com o transcendente. Mesmo em fase de construção, a Mesquita já cumpre sua função primordial: ser um espaço de oração, confraternização e acolhimento para a comunidade muçulmana. Para Fátima, a Mesquita é mais do que uma obra em progresso; ela já é o centro espiritual da rede de fiéis, um local onde o sagrado se manifesta e organiza a vida comunitária.

A mesquita, em seu estado atual, representa uma etapa provisória de um projeto maior. Fátima reconhece que ainda há um "novo layout" a ser implementado, mas se mantém serena quanto à conclusão das obras. "Já está comprado, está pago, escriturado, já temos a alvará da mesquita, já saiu, já liberou. Estamos esperando juntar algum recurso." (HAMIDEH. Kamal, 2024). A fala do Xequie Kamal revela que a mesquita atual, mesmo já funcionando e servindo à comunidade, é apenas uma etapa de um projeto ainda maior. Ele confirma a existência de planos para uma sede definitiva, localizada em um terreno já adquirido no Setor Central de Goiânia, próximo à Rodoviária e à Rua 52, acima da Avenida Independência.

A aquisição do lote, a quitação do pagamento, a escrituração e a obtenção do alvará demonstram o comprometimento do casal com a construção da nova mesquita. Essa fala complementa a narrativa de Fátima, reforçando a ideia de que a mesquita atual é um espaço provisório, enquanto a sede definitiva ainda aguarda recursos para ser construída.

É interessante notar que, mesmo tendo adquirido o terreno e a documentação necessária, eles mantêm a mesma postura de paciente espera em relação à construção da nova mesquita. Assim como Fátima expressou sua confiança na vontade e no tempo de Deus para a finalização do "novo layout", Kamal também demonstra que a construção da sede definitiva dependerá da provisão divina dos recursos.

A mesquita provisória, mesmo ainda em fase de construção, já desempenha um papel significativo como espaço de culto e socialização para o núcleo de fiéis muçulmanos em Goiânia. Sua futura conclusão representa não apenas a consolidação de um projeto coletivo, mas também a materialização de um espaço que será central na preservação das práticas religiosas e culturais da comunidade para as gerações subsequentes.

A trajetória de Kamal e Fátima Hamideh reflete aspectos simbólicos da imigração muçulmana, frequentemente comparada à Hégira, em razão de sua conotação de deslocamento em busca de melhores condições para a prática religiosa e a preservação cultural. Essa conexão permite uma análise histórica da relação entre fé, migração e construção de identidade coletiva.

A trajetória migratória de Kamal Hamideh pode ser interpretada como uma metáfora histórica que dialoga com a Hégira, a migração do profeta Muhammad de Meca para Medina em busca de condições mais favoráveis para a prática do islam. Assim como a Hégira foi um marco para a consolidação da comunidade muçulmana, a migração de Kamal reflete os desafios e oportunidades enfrentados por imigrantes palestinos em busca de um futuro melhor no Brasil. Estabelecendo-se inicialmente em Anápolis, Kamal dedicou-se ao trabalho árduo, consolidando um novo lar que serviu como base para a preservação de suas práticas culturais e religiosas.

O termo "Umma" refere-se à comunidade muçulmana ideal, caracterizada pela unidade em torno da fé e do amor a Deus. A insistência de Fátima em denominar a "mussalla" como "mesquita" reflete sua visão de construir um coletivo muçulmano coeso e acolhedor em Goiânia. Nesse contexto, a Mesquita "Al Taubah" emerge como um símbolo dessa "Humma", servindo como um espaço central para o fortalecimento dos laços comunitários e a prática religiosa, promovendo a integração e a preservação dos valores islâmicos. Sob a perspectiva de Pierre Nora (1993), os lugares de memória são a materialização de uma memória coletiva, que não está mais viva, mas sim cristalizada e mantida pela consciência de que precisa ser preservada. Nesse sentido, a Mesquita "Al Taubah" transcende seu papel físico para se

consolidar como um lugar de memória da comunidade muçulmana em Goiânia, onde práticas religiosas e tradições culturais são preservadas, transmitidas e ressignificadas.

A reversão de Fátima ao islam e sua união com Kamal Hamideh podem ser interpretadas como elementos centrais de um processo de construção comunitária e religiosa. A busca de Fátima por conhecimento islâmico não apenas consolidou sua identidade religiosa, mas também contribuiu para a formação de uma rede comunitária em Goiânia. A mesquita, resultado de um esforço conjunto, simboliza a materialização desse processo, funcionando como um espaço que articula fé, aprendizado e convivência social.

A atuação do casal Hamideh evidencia a centralidade do engajamento individual e familiar na consolidação de uma comunidade religiosa. A Mesquita "Al Taubah", fruto de seus esforços, emerge como um símbolo significativo de suas contribuições, proporcionando um espaço que integra acolhimento, aprendizado e prática religiosa. Como marco na história islâmica em Goiânia, a mesquita representa um ponto de convergência para práticas religiosas, trocas culturais e fortalecimento da coesão social.

“Começou com eu e ela, converteram muitos brasileiros em Nerópolis de Novo Munkobi, aí nós mudamos para a Goiânia. Ela me disse, um dia, tem um lugar, no tal lugar, tem uns muçulmanos do Senegal, vamos fazer visita para eles. Então, não tinha mesquita. Aí viemos, eu e ela, fizemos reunião com eles, era na segunda-feira. Apareciam uns 25 pessoas, naquela época, aqui na frente da mesquita. É onde surgiu a ideia de nós ficarmos na mesquita. Eles falaram assim, o Kamal pode vir, nós vamos te ajudar. Primeira semana não aparecia. Eles fizeram a reunião deles, não aparecia. Ligaram para mim, não esperava você, para ver se não aparecia. Eu falei, você não ligou para mim? Sexta-feira, próxima, eu venho. Na verdade, próxima sexta-feira, eu cheguei aqui, eu e a mulher. Fizemos a assembleia na frente da mesquita, na garagem, na rua praticamente, debaixo do sol, de chuva. E chuva e sol, o tempo foi passando. Começamos com duas pessoas, duas pessoas, depois oito pessoas, depois 16, depois 20, depois 28, 30 e 50, e até mais, mais e mais. E hoje, com graça de Deus, nós estamos, quando ela enche, passam 120 pessoas.” (HAMIDEH. Kamal, 2024)

A narrativa de Kamal sobre o início da mesquita em Goiânia destaca a Hégira como uma referência histórica e simbólica para a comunidade muçulmana local. Assim como o profeta Muhammad migrou de Meca para Medina em busca de condições favoráveis para a prática e propagação do islam, a iniciativa de Kamal e Fátima ao reunir-se com muçulmanos senegaleses em Goiânia pode ser entendida como um marco inicial na construção de um espaço comunitário voltado para o fortalecimento da fé e a coesão social.

A Hégira, como conceito central na tradição islâmica, simboliza a busca por um ambiente que favoreça o desenvolvimento espiritual e comunitário. No caso de Kamal e Fátima, essa busca concretizou-se por meio das reuniões com muçulmanos senegaleses em Goiânia, que deram origem à ideia de construir uma mesquita. O encontro inicial, ocorrido em frente ao

local onde seria erguida a Mesquita "Al Taubah", pode ser interpretado como um marco fundador de um movimento local de organização comunitária e fortalecimento religioso.

A narrativa de Kamal evidencia o crescimento gradual dos muçulmanos em Goiânia, que passou de um núcleo inicial de duas pessoas para mais de 120 fiéis. Esse processo de expansão reflete a consolidação da Mesquita "Al Taubah" como um espaço central de convivência e prática religiosa, atraindo muçulmanos de diversas origens e contribuindo para o fortalecimento da coesão comunitária.

A mesquita, fruto desse movimento de união e crescimento, representa a concretização do ideal da Hégira em Goiânia. Para Mircea Eliade (2010, p. 21), o sagrado se manifesta como um ponto de ruptura no espaço profano, fundando ontologicamente o mundo de quem o vivencia. Nesse sentido, a Mesquita em Goiânia vai além de sua função arquitetônica: ela emerge como um "centro do mundo" para a comunidade muçulmana, um espaço onde o sagrado se irrompe no cotidiano, conectando os fiéis à transcendência. Ela se torna um símbolo de acolhimento, um local onde muçulmanos podem se conectar com sua fé, compartilhar seus ensinamentos e fortalecer seus laços comunitários.

Na entrevista, Kamal discorre sobre o sentido da Hégira com base na experiência do profeta Muhammad, traçando paralelos com a própria vida e a construção da mesquita em Goiânia. Para ele, a Hégira representa a busca por um ambiente onde a fé possa florescer, mesmo em face de adversidades e perseguições.

“Sim, porque ele pregava um Deus único. O povo do Kuraish, lá na Meca-Al-Mukarrama, tudo é ateu, não acreditava nele. Adorava um Deus único e os outros não. Então eles achavam que ele ia virar religião deles. É onde que foi esforçado para se emigrar. E batalhou bastante para que a palavra de Deus ia na frente. Enfrentou dificuldades, enfrentou tanta adversidade, mesmo assim, só ele e a esposa dele foi em frente.” (HAMIDEH. Kamal, 2024).

O ponto chave da argumentação de Kamal, foi destacar a Hégira como resposta à perseguição do profeta Muhammad, inicialmente, encontrou resistência em Meca ao pregar a crença em um Deus único. Ele e sua esposa, Khadija, enfrentaram perseguições e dificuldades, mas mantiveram-se firmes em sua fé. A Hégira para Medina foi uma resposta a essa oposição, buscando um local onde pudessem praticar o islam em liberdade.

A chegada do profeta Muhammad a Medina foi um marco fundamental, simbolizado pela construção de uma mesquita que desempenhou um papel central na organização e fortalecimento da comunidade muçulmana. Esse evento transcende a noção de um deslocamento geográfico, representando um processo de reconstrução social e religiosa que

consolidou os princípios fundamentais do islam e estabeleceu um modelo para a coesão e o fortalecimento das coletividades islâmicas.

Para Kamal, a Hégira do profeta Muhammad representa mais do que uma migração física, simbolizando a propagação de princípios islâmicos em busca de liberdade religiosa. De forma semelhante, sua trajetória, da Palestina à fundação de uma mesquita em Goiânia, reflete o esforço por criar um espaço de acolhimento e prática da fé.

A fé desempenha um papel central na trajetória de Kamal e Fátima, estruturando suas decisões e ações ao longo de suas vidas. Para Kamal, a fé foi o alicerce que sustentou sua decisão de deixar a Palestina, possibilitando sua adaptação a um novo contexto sociocultural no Brasil. Em momentos de dificuldade, a prática religiosa serviu como elo com suas raízes culturais e como fonte de resiliência. No caso de Fátima, sua reversão ao islam também reflete o impacto transformador da fé, que orientou a construção de uma nova identidade religiosa e comunitária. Juntos, suas ações demonstram como a fé pode moldar iniciativas de preservação cultural e integração social, como a fundação da Mesquita "Al Taubah".

As iniciativas de Kamal e Fátima, materializadas na fundação da Mesquita, exemplificam a contribuição de indivíduos na estruturação e consolidação de espaços religiosos e culturais em contextos migratórios. Esse processo reforçou a coesão da comunidade muçulmana em Goiânia, fornecendo um local de prática religiosa e interação social que continua a desempenhar um papel central na preservação das tradições islâmicas e no fortalecimento de sua identidade coletiva.

### **3.2 A Jihad na Imigração: Construindo a Comunidade Muçulmana**

A Mesquita em Goiânia surgiu como um importante ponto de encontro para os fiéis local. Além de proporcionar um espaço para a prática religiosa, ela desempenha um papel central na construção e reconstrução da identidade cultural da comunidade. Conforme Stuart Hall (2006, p. 25), a identidade cultural não é fixa, mas sim um processo dinâmico de negociação entre elementos do passado e as influências do presente. Nesse contexto, a Mesquita não apenas transmite valores islâmicos às novas gerações, mas também funciona como um espaço onde tradições e práticas se adaptam às realidades socioculturais de Goiânia. Esse diálogo constante reforça seu papel como um eixo de resistência cultural e de preservação identitária.

Relacionando os conceitos teóricos à vivência prática da fé muçulmana no contexto da imigração, os relatos de Kamal Hamideh e sua esposa, Fátima Hamideh, demonstram como a *Umma*, a *Hégira* e a *Jihad* transcendem seu caráter histórico e se manifestam como experiências presentes na vida dos muçulmanos contemporâneos. A fé, além de ser uma convicção religiosa, atua como um princípio orientador, e as reflexões do xeique e de sua esposa oferecem interpretações singulares desses valores fundamentais no islam.

A entrevista oral permitiu explorar os desafios que os muçulmanos enfrentam em Goiás. Isso pode ser usado para ilustrar como a *Jihad* é experimentada no cenário contemporâneo e como a *Hégira* ainda inspira uma batalha constante pela manutenção da identidade muçulmana.

A *Hégira* não apenas representou o começo da edificação da *Umma*, mas também um período de batalhas e obstáculos que simbolizavam a persistência na fé. Neste cenário, a *Jihad* representa uma batalha que transcende o âmbito físico, podendo ser vista como a batalha interna para preservar a fé, a moral e os valores islâmicos em um cenário novo e frequentemente desafiador. Concentrando-se na superação de obstáculos, sejam eles sociais ou espirituais, e como a ideia de "luta" representa mais um combate pela integridade da fé em face das adversidades.

“Casei com essa senhora brasileira. Ela que me ajudou a levantar essa mesquita, juntamente com os irmãos do Senegal. Dali, comecei a entender o que é a vida. Comecei a vida do profeta Mohammad, dos profetas, e Deus mais profundamente. E segui o caminho dele. E até hoje, até o último dia da minha vida, é trabalhar no caminho de Deus. *Jihad fissabilillah*. lutar no caminho de Deus. O que nós estamos fazendo nessa mesquita. Nós não estamos fazendo nada mais do que isso aí. Não tenho salário, ninguém me paga nada. Quem me paga é o próprio Deus. Olha, eu ganho pouco, mas não falo nada.” (HAMIDEH. Kamal, 2024).

A fala do xeique Kamal, um imigrante que construiu uma mesquita no Brasil e na cidade de Goiânia com a ajuda da esposa e de senegaleses, revela alguns pontos interessantes sobre sua experiência e a visão da *Jihad* na comunidade muçulmana. A *Jihad* implica um esforço constante e, por vezes, sacrifício em nome da fé. Esse esforço pode se manifestar de diferentes maneiras, como a busca por conhecimento religioso, o controle dos desejos, a resistência às tentações e a prática das virtudes islâmicas.

Para Kamal, o conceito de *Jihad fissabilillah* ("esforço no caminho de Deus") constitui a força central de sua vida e a base de sua fé. Suas ações e reflexões evidenciam como esse princípio se manifesta em um compromisso profundo com Deus e com aqueles que compartilham sua crença. A construção da mesquita, concebida como um espaço de culto e encontro para os muçulmanos, é interpretada por Kamal como um ato de *Jihad*. Sua dedicação

à realização desse projeto, superando obstáculos significativos, reflete sua motivação religiosa e o desejo de contribuir para o fortalecimento da identidade islâmica local.

Kamal dedica seu tempo e esforço à mesquita de forma voluntária, sem receber remuneração, evidenciando que sua motivação vai além de interesses materiais. Para ele, o trabalho voluntário é uma forma de *Jihad*, um esforço no caminho de Deus voltado ao fortalecimento das práticas religiosas e à propagação da fé islâmica.

A manutenção da Mesquita "Al Taubah" exige recursos financeiros para cobrir despesas básicas, como água, energia elétrica, materiais de limpeza e conservação do edifício. Como líder religioso, Kamal pode sentir o peso dessa responsabilidade, especialmente diante da necessidade de maior engajamento dos frequentadores no apoio à sustentabilidade do espaço de culto.

Embora seja importante considerar as possíveis dificuldades econômicas enfrentadas pelos membros da comunidade, a fala de Kamal pode destacar a relevância do compromisso coletivo e da colaboração para garantir a continuidade das atividades e o funcionamento da instituição religiosa. A fala de Kamal, ao afirmar "ganha pouco, mas não fala nada", oferece uma oportunidade de análise que vai além do significado literal das palavras. Como destacado Phillippe Joutar (2000, p. 35) “como interpretar o silêncio e o esquecimento? Para nos ajudar, é indispensável a análise da totalidade do documento: hesitações, silêncios, lapsos [...]”. Ou seja, o silêncio e as pausas em narrativas orais são componentes significativos que revelam tensões e significados implícitos, exigindo uma análise que vá além do que é explicitamente dito.

O conceito de *Jihad fissabilillah* ("esforço no caminho de Deus") transcende a abstração teórica, configurando-se como uma prática cotidiana vivenciada por Kamal. Sua fé é expressa por meio de ações concretas de dedicação, esforço e sacrifício voltados ao fortalecimento da identidade islâmica e à disseminação dos princípios religiosos. Ao enfrentar os desafios com perseverança, Kamal encontra significado espiritual em seu compromisso, demonstrando que a *Jihad* pode ser compreendida como um caminho de crescimento interior e realização de valores éticos e religiosos:

“Eu falo que eu sou uma jihadista. Kamal jihadista. Segurar a mesquita aberta é uma jihad. Você dar um sorriso é uma jihad. Você fazer dawa é jihad. Você tá em comunhão com a sua comunidade é jihad. Você se livrar dos problemas é jihad. Você ajudar o outro com os problemas dele é jihad. Tudo que você faz pra agradar a Deus é jihad. Lutando, né? Porque a luta não é só armada. Abrir uma mesquita é uma grande jihad. Você lutar na Palestina contra os sionistas é uma grande jihad. É a jihad maior. Você morrer em nome de Deus nessa situação é uma jihad. Então, às vezes, as pessoas confundem. Falam assim, ah, muçulmana, terrorista, jihadista, terrorista. Não é.

Depende do porquê que você tá morrendo. Do que você está lutando, né? Então, por que é uma jihad? Porque é difícil. É uma coisa que é pros fortes. Você não... Você tá aqui todos os dias, aberto, funcionando há 10 anos, sem fechar, é pros fortes. É para os fortes, sem desistir, porque as dificuldades vêm. Tem a conta de luz, tem a conta de água, tem que pagar, tem que usar. Mas Deus manda providência. A gente não tem ajuda aqui de nenhum mundo árabe rico, poderoso e famoso. A nossa comunidade é uma comunidade pobre, que são feirantes. Não pobre de dinheiro, não pobre de menos recursos. Porque pobre não tem ninguém pobre aqui, todo mundo é milionário. Com a fé que essa turma tem, é todo mundo milionário. Mas a gente tem recursos poucos para tocar e nunca fechou a mesquita. E Deus sempre dá um jeito e a gente está firme. E nunca o Kamal pediu um centavo para um irmão aqui dentro da mesquita. Falou assim, me dá 10%, 5%, 3%, não. Não existe isso aqui dentro. É só Deus que manda a pessoa ter a intuição de ajudar.” (HAMIDEH. Fátima, 2024)

Fátima, esposa do xeique Kamal, também expressa sua profunda fé e dedicação à comunidade muçulmana. Sua narrativa complementa a de Kamal e amplia a compreensão sobre o significado da Jihad e a importância do núcleo comunitário na vida dos muçulmanos. Fátima define a si mesma como uma "jihadista", expandindo o conceito de Jihad para além da luta armada. Ela engloba ações cotidianas como sorrir, fazer caridade, ajudar o próximo e manter a mesquita aberta como formas de Jihad. Essa visão amplia o significado da Jihad para um esforço constante em todas as esferas da vida para agradar a Deus.

A *Jihad* é compreendida como uma prática que exige perseverança e resistência, sendo, portanto, "para os fortes", conforme destaca Fátima. Essa interpretação reflete a necessidade de enfrentar desafios constantes com determinação, como exemplifica a manutenção da mesquita "Al Taubah" por 10 anos, mesmo diante de dificuldades financeiras significativas. Nesse contexto, a *Jihad* representa não apenas um esforço espiritual, mas também a superação de obstáculos concretos para preservar a fé e os valores religiosos.

Kamal reconhece que a comunidade, formada predominantemente por feirantes, enfrenta limitações econômicas, mas destaca sua riqueza em fé e solidariedade. Essa união e comprometimento coletivo têm sido fundamentais para garantir a continuidade da mesquita como um espaço de acolhimento e fortalecimento espiritual, reforçando o papel da *Jihad* como um caminho de esforço conjunto em prol da manutenção das práticas religiosas.

Kamal e Fátima demonstram que a *Jihad* não se restringe a um único conceito, mas se manifesta em múltiplas dimensões da vida cotidiana. Para Kamal, a construção da mesquita e o trabalho voluntário representam expressões concretas desse esforço no caminho de Deus. Fátima, por sua vez, amplia essa perspectiva ao incluir ações cotidianas, como sorrir, praticar caridade e oferecer auxílio ao próximo, como formas igualmente significativas de *Jihad*. Essa diversidade de interpretações evidencia o caráter abrangente da *Jihad*, que transcende o esforço físico ou espiritual isolado, permeando todas as esferas da vida do muçulmano.

A fé em Deus e os laços coletivos são pilares fundamentais na interpretação da *Jihad* por Kamal e Fátima. Ambos demonstram confiança na providência divina e encontram realização ao dedicar suas ações ao serviço religioso. Fátima, em especial, destaca a importância da união entre os fiéis, sustentada pela fé e pelo apoio mútuo. Nesse contexto, a *Jihad* é impulsionada pelo amor a Deus e reforçada pelos vínculos que promovem solidariedade e cooperação.

“Sim, a minha responsabilidade dentro da mesquita aconteceu na primeira semana que eu estava casada com ele. Ele já me delegou tarefas, né? E nós fizemos um dawa para Caldas Novas, um jamate que veio da Inglaterra. E nós fomos a esse dawa, fizemos esse dawa, que é essa divulgação, para 350 crianças e mulheres. E eu assumi a parte das mulheres, respondendo as perguntas e orientando e seguindo, e isso até hoje. As responsabilidades são divididas, né? O Kamal fica com os homens e eu fico com as mulheres. E é claro que ele é o Sheikh da mesquita. Sempre que tem algum assunto mais difícil, eu recorro a ele, né? Mas o geral, o básico, assim, é comigo. As mulheres se identificam comigo também. Então é uma troca, né? E a gente aprende junto com ele. Então é muito bom.” (HAMIDEH. Fátima, 2024).

De acordo com o relato de Fátima, a união e a cooperação entre os membros reforçam o papel das mesquitas como pilares de fortalecimento social, irradiando benefícios para diferentes grupos que as frequentam. Sejam fiéis em busca de espiritualidade, indivíduos interessados em conhecimento ou pessoas necessitadas de apoio, a mesquita consolida-se como um espaço de acolhimento, desenvolvimento pessoal e promoção de um futuro mais solidário e inclusivo.

As funções e responsabilidades do casal se entrelaçam, demonstrando a importância da participação feminina e da liderança masculina na comunidade muçulmana. Fátima, ao assumir o papel de educadora e orientadora das mulheres, demonstra a importância da representatividade feminina dentro da mesquita. Ela se torna um ponto de referência para as mulheres, respondendo perguntas, oferecendo orientação e criando um ambiente acolhedor para que elas se sintam confortáveis para aprender e praticar a fé.

Como líder espiritual e administrativo da mesquita, Xeiqe Kamal desempenha um papel central na supervisão das atividades e na tomada de decisões estratégicas. Ele oferece apoio e orientação não apenas a Fátima, mas também aos fiéis de maneira abrangente, garantindo a organização e o bom funcionamento do espaço religioso. Sua liderança assegura que os preceitos do islam sejam observados e que os frequentadores tenham acesso aos ensinamentos religiosos e às práticas comunitárias.

É importante que essas mulheres que estejam pensando em conhecer o Islam. Que venham conhecer. Porque a gente está de braços abertos. Aqui a gente é bastante

acolhedor. É uma comunidade muito simples. Não tem ostentação. Não tem aquelas árabes com ouro pendurado. Que todo mundo fala, não vou lá não. O povo é muito rico e não sei o quê. Não, não tem nada disso. Aqui todo mundo se ajuda. Todo mundo é irmão do outro. As pessoas quando chegam, chegam para dentro de uma família. E a gente aqui vai aprender sobre Deus (HAMIDEH. Fátima, 2024).

Fátima desempenha um papel central no grupo muçulmano em Goiânia ao abordar a desconstrução de visões estereotipadas sobre o islam e promover um ambiente inclusivo e acolhedor. Sua fala ressalta valores como simplicidade, igualdade e solidariedade, destacando o esforço coletivo dos fiéis locais. Ao apresentar o islam a outras mulheres de maneira aberta e sem preconceitos, Fátima também desafia o imaginário frequentemente associado à riqueza e ostentação em comunidades islâmicas, reforçando que, em Goiânia, o foco está no apoio mútuo e no aprendizado espiritual.

A Mesquita, ao se estabelecer como um espaço de acolhimento e inclusão, atua como um ponto de encontro para muçulmanos provenientes de diferentes regiões e contextos culturais. Essa diversidade promove um ambiente de intercâmbio cultural e compartilhamento de experiências, contribuindo para o enriquecimento coletivo. Além disso, a interação entre os fiéis fortalece a compreensão mútua e os vínculos de solidariedade, consolidando a mesquita como um espaço de convivência e aprendizado.

Eu sou considerada mãe de todos. Então, todas as pessoas que chegam aqui, não tem um fato ou outro isolado. Mas eu tenho um protocolo. Quando a pessoa chega, ela quer atenção. Ela quer ser acolhida, ela quer fazer parte de uma família. Elas geralmente não têm famílias ajustadas. Não todas. Não pode falar que isso é uma regra. Então o que eu faço? Eu recebo a pessoa individualmente, ouço toda a vida dela, tem pessoas que me contam horas a vida dela. Uma hora, uma hora e meia. Eu recebo essa pessoa, eu escuto a vida dela, e eu tenho uma sensibilidade de saber onde é que está o problema (HAMIDEH. Fátima, 2024)

A fala de Fátima destaca elementos centrais na construção da identidade da mesquita em Goiânia, como o acolhimento e a escuta, que se refletem em seu papel como uma liderança comunitária. Sua atuação contribui para consolidar a mesquita como um espaço de integração e pertencimento, especialmente para aqueles que buscam apoio e conexão em um ambiente multicultural.

Ao se referir a si mesma como "mãe de todos", Fátima reforça sua função simbólica na estruturação da dinâmica comunitária. Sua postura de abertura e disposição para ouvir as histórias de vida dos frequentadores cria uma atmosfera de confiança, essencial para a manutenção das práticas religiosas e para o fortalecimento das relações sociais dentro do espaço religioso.

A atuação de Fátima na mesquita "Al Taubah" reflete o compromisso em oferecer suporte e orientação aos frequentadores, consolidando o espaço como mais do que um local de culto. A atenção individualizada, destacada em seu enfoque no acolhimento, evidencia o caráter humanizado da mesquita, que promove vínculos interpessoais e um sentimento de pertencimento.

A liderança de Fátima, descrita como "mãe de todos", contribui para que a mesquita seja percebida como um ambiente inclusivo, onde os frequentadores encontram suporte espiritual e social. A combinação entre acolhimento e práticas religiosas fortalece a identidade da mesquita como um espaço que integra fé e solidariedade.

“E hoje, a mesquita é uma mesquita viva, é considerada uma das melhores mesquitas do Brasil. O cubano chegou aqui dizendo que aqui era a melhor mesquita do Brasil, que tinha referência no Mato Grosso. Outras pessoas chegam e falam que aqui é bem acolhedor. O que a gente faz? Quando o irmão do caminho, é chamado esses irmãos do caminho, que esses que vêm para cá, se aproximam da mesquita, ou entram em contato pelo telefone, ou aparecem aqui na porta, a gente tenta resolver o problema dele. Se ele não tem lugar para ficar, a gente arruma lugar para ficar. A gente consegue arrumar documentação dele de estrangeiro. A gente consegue advogado para ele resolver esses problemas. A gente dá comida, a gente dá dormida.” (HAMIDEH, Fátima, 2024).

A fala de Fátima reflete o papel que a mesquita "Al Taubah" desempenha em Goiânia como um espaço de suporte e acolhimento. Mais do que um local de prática religiosa, a mesquita também oferece assistência básica e socioeconômica, como alimentação, abrigo e apoio na regularização migratória. A menção aos "irmãos do caminho" evidencia a função do espaço como ponto de apoio para muçulmanos em trânsito ou recém-chegados, reforçando sua relevância na integração desses indivíduos à cidade.

A reputação positiva mencionada por Fátima, que inclui elogios de visitantes de diferentes regiões e até de outros países, destaca o impacto desse trabalho no fortalecimento da imagem da mesquita como um espaço acolhedor. No entanto, esse reconhecimento deve ser analisado dentro de seu contexto local e das dinâmicas internas, evitando generalizações sobre sua representatividade nacional. A descrição de Fátima indica um esforço comunitário significativo, mas ainda carece de maior reflexão crítica sobre os desafios enfrentados para sustentar essa atuação.

A mesquita "Al Taubah" não se limita a oferecer suporte espiritual, desempenhando também um papel ativo na resolução de questões práticas, como a obtenção de documentação e a assistência jurídica para frequentadores e visitantes. Essa atuação destaca o compromisso

do espaço com o bem-estar coletivo, fortalecendo sua imagem como um ponto de apoio confiável e acessível.

A trajetória de Kamal e Fátima Hamida, narrada em suas próprias palavras, fornece um relato sobre a experiência da imigração muçulmana em Goiânia, destacando o papel da fé na adaptação e construção de espaços comunitários. A experiência de Kamal, desde sua chegada ao Brasil ainda jovem, reflete o esforço contínuo para criar um ambiente que permita a prática do islam e o fortalecimento de vínculos sociais.

A ideia de uma "nova Hégira", mencionada por Kamal, estabelece uma analogia entre sua migração e a jornada do profeta Muhammad de Meca para Medina, ambas marcadas pela busca de um local propício para a prática da fé. Em Anápolis e depois em Goiânia, Kamal encontrou condições para consolidar um espaço de convivência e integração religiosa.

A prática da *Jihad*, no contexto de Kamal e Fátima, é expressa por meio de ações concretas que beneficiam a comunidade muçulmana local, como a construção e manutenção da mesquita. Esses esforços refletem a superação de desafios cotidianos e o compromisso em viver de acordo com os preceitos islâmicos.

A trajetória de Kamal e Fátima demonstra como a imigração muçulmana pode contribuir para a formação de redes sociais estruturadas e integradoras. Seus relatos destacam a importância da fé na organização social e na superação de adversidades, oferecendo um exemplo de como valores religiosos também podem se traduzir em práticas que promovem a coesão comunitária e o respeito à diversidade cultural.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo investigar a construção da identidade islâmica em Goiânia, analisando as experiências de imigração, adaptação e a formação da comunidade muçulmana local, com especial atenção à importância da Mesquita como espaço religioso e cultural.

Ao longo da pesquisa, foi possível compreender que a trajetória dos imigrantes muçulmanos em Goiás não se limita à migração física, mas envolve um complexo processo de formação espiritual e social, que reflete as tensões e desafios enfrentados na adaptação a um novo contexto cultural e religioso.

A pesquisa revelou que a Mesquita desempenha um papel central nesse processo, servindo como um espaço de refúgio, encontro e preservação da identidade islâmica. Através das entrevistas com o xeique Kamal Hamideh e sua esposa Fátima Hamideh, foi possível traçar um paralelo entre a imigração e a Hégira, jornada do profeta Muhammad de Meca para Medina, destacando a busca por um local onde a fé pudesse ser vivida e compartilhada livremente.

A análise da Hégira, enquanto evento histórico fundamental para a religião islâmica, e as reflexões sobre a memória e a identidade, permitiram compreender como os imigrantes muçulmanos em Goiânia mantêm e adaptam suas práticas religiosas e culturais. A pesquisa também demonstrou que, ao longo do tempo, a fé islâmica se consolidou em Goiás, não apenas como um rito de fé, mas também como um ponto de resistência, fortalecimento e construção da identidade religiosa e cultural de seus membros.

É interessante observar como a Hégira, um evento histórico tão distante no tempo e no espaço, continua a reverberar na vida dos muçulmanos contemporâneos, especialmente aqueles que, como Kamal e Fátima, se encontram em um contexto de imigração. A Hégira, mais do que uma simples migração física, simboliza a busca por um lugar onde a fé possa ser vivida em plenitude, um refúgio para a construção de uma comunidade unida e acolhedora.

A contribuição de autores como Karen Armstrong, Tamara Sonn e Eliane Prudente foi fundamental para fornecer o embasamento teórico necessário para a análise do islam, da Hégira, da Jihad e dos desafios da imigração muçulmana em diferentes contextos.

Essas obras aprofundaram a compreensão sobre os conceitos centrais da fé islâmica, permitindo uma abordagem mais rica e detalhada sobre as complexas dinâmicas culturais e religiosas envolvidas na imigração muçulmana, especialmente em Goiás. A pesquisa teórica proporcionou uma base sólida para explorar como esses temas se desdobram e se conectam à realidade contemporânea dos muçulmanos em Goiânia.

Por outro lado, as entrevistas com o Xeiqum Kamal e Fátima Hamideh trouxeram uma dimensão prática à teoria, revelando como os conceitos discutidos na literatura se manifestam no cotidiano da comunidade muçulmana local. Suas histórias e experiências pessoais foram essenciais para compreender a complexidade da imigração, adaptação e construção da comunidade islâmica em Goiânia.

Através de seus relatos, foi possível perceber de forma mais palpável como a fé e os valores islâmicos se entrelaçam com a vivência cotidiana e os desafios da integração cultural, oferecendo uma visão mais humanizada e profunda da experiência dos imigrantes muçulmanos.

Embora os relatos de Kamal e Fátima tenham sido centrais para a construção da narrativa deste trabalho, é importante reconhecer que as memórias individuais são influenciadas por fatores sociais e culturais. Temos consciência de que a história oral não reflete apenas os fatos, mas também as intenções e percepções de quem narra, podendo enfatizar certos aspectos e silenciar outros.

Esse estudo não apenas contribui para o conhecimento sobre o islam em um contexto brasileiro, mas também fortalece a valorização da diversidade cultural e religiosa, enriquecendo o entendimento sobre a pluralidade que caracteriza a sociedade goiana.

Este trabalho buscou compreender a construção da identidade islâmica em Goiânia, analisando os desafios e estratégias de adaptação enfrentados pela comunidade muçulmana em um contexto local específico. A pesquisa demonstrou que a imigração muçulmana vai além de uma simples migração física, envolvendo processos profundos de integração espiritual, cultural e social, moldados pelas dinâmicas de resistência e adaptação ao novo ambiente.

Por meio da análise de conceitos como *Hégira* e *Jihad*, associados aos preceitos centrais do islam, e fundamentado em contribuições teóricas de autores como Karen Armstrong, Tamara Sonn e Eliane Prudente, o estudo forneceu uma visão sobre as práticas religiosas e culturais dos muçulmanos em Goiânia. As entrevistas com o xeiqum Kamal e Fátima Hamideh trouxeram dimensões concretas para o debate, oferecendo relatos que ilustram os desafios da imigração e a importância da mesquita como um núcleo de fortalecimento identitário e cultural.

A Mesquita "Al Taubah" emerge como um espaço central nesse processo, funcionando não apenas como local de culto, mas também como símbolo de preservação da memória e da cultura islâmica. Essa função reforça a relevância do islam na adaptação de seus fiéis às especificidades de uma sociedade multicultural como a brasileira.

Além disso, a pesquisa destaca a necessidade de compreender a pluralidade religiosa e cultural do Brasil como uma forma de promover a tolerância e o respeito à diversidade. Ao

valorizar a história e as experiências da comunidade muçulmana em Goiânia, este trabalho contribui para o debate sobre convivência e integração em uma sociedade plural.

A principal contribuição desta pesquisa é revelar a centralidade da Mesquita como um espaço de construção identitária e resiliência, onde a fé islâmica se adapta aos desafios cotidianos sem perder sua essência. O estudo também aponta para a importância de novas investigações que explorem as interações entre comunidades religiosas e a sociedade brasileira, ampliando o entendimento sobre a rica diversidade cultural do país.

## REFERÊNCIAS

- AL-HILALI, Muhammad Taqi-ud-Din; KHAN, Muhammad Muhsin. *O Alcorão Sagrado: Tradução dos significados em português*. Medina: Complexo Rei Fahd para Impressão do Alcorão Sagrado, 2005.
- ALCORÃO. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo: Marsam Editora Jornalística, 1994.
- ALCORÃO, Português. "O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado." 1994.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *História e Narrativa*. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.), *Ler e Escrever Para Contar: Documentação, Historiografia e Formação do Historiador*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Defesa de Deus*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Maomé*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Islã: Uma Breve História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Uma História de Deus*. Companhia de Bolso, 2022.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (*Trilogia A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, vol. 2).
- CHAUL, Nasr Fayad. "A Identidade Cultural do Goiano." *Ciência e Cultura*, v. 63, n. 3, p. 42-43, 2011.
- CHAGAS, Gisele Fonseca. *Identidades Religiosas e Fronteiras Étnicas: Um Estudo do Ritual da Oração na Comunidade Muçulmana do Rio de Janeiro*. *Religião & Sociedade*, v. 29, p. 152-176, 2009.
- COSTA, Rosalina. *Ridendo Castigat Mores: A Transcrição de Entrevistas e a (Re) Construção Social da Realidade*. 2014.
- DE CAMPOS NETO, Antonio Augusto Machado. "A Origem do islã: O Universo Muçulmano, Alcorão e a Châr'ia." *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, v. 115, p. 21-46, 2020.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Mascates ou Pequenos Negociantes Ambulantes do Brasil*. *Geografia*, v. 2, n. 1, 1936.
- DOS REIS SOARES, Wendel. "A Mesquita Solitária": um estudo de caso sobre os muçulmanos no Rio de Janeiro (1951-2019).
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral, Comemorações e Ética. Projeto História. Ética e História Oral*, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

GAZETA - PROJETO DE NASCIMENTO. Nascimentos de muçulmanos vão ultrapassar nascimentos de cristãos em 20 anos. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/religiao/nascimentos-de-muculmanos-vaoulttrapassar-nascimentos-de-cristaos-em-20-anos/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOODMAN, Micah. *O Impasse de 1967: A Esquerda e a Direita em Israel e o Legado da Guerra dos Seis Dias*. É Realizações Editora, 2020.

GOULART, José Alípio. *O Mascate no Brasil*. São Paulo: [s. n.], 1956.

HADDAD, Jihad. *O islã e o Desafio da Modernidade*. [Cidade]: [Editora], [Ano].

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1996.

\_\_\_\_\_. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, n. 1, pp. 21-35, 2006.

HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

JOMIER, Jacques. *Islamismo: História e Doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LANGARO, Jiani Fernando. *Quando o futuro é inscrito no passado: "Colonização" e "pioneirismo" nas memórias públicas de Toledo-PR (1950-2010)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. *Os Muçulmanos no Brasil. Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 15, n. 1, p. 31-50, 2011.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista; KUS, Atila. *Arquitetura Islâmica nas Mesquitas e Seus Efeitos sobre os Adeptos. REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 19, n. 1, p. 133-146, 2019.

MANZINI, Eduardo José. *Considerações sobre a Transcrição de Entrevistas. Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução de Pesquisas. Amostras e Técnicas de Pesquisa. Elaboração, Análise e Interpretação de Dados*, v. 7, p. 1-23, 2008.

MARINUCCI, Roberto. *Construção da Identidade Religiosa em Contexto Migratório: O Caso da Migração para o DF-Brasil. REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 18, n. 34, p. 131-148, 2010.

NASSER, Salem H. "Seria a Sharia a Única Fonte do Direito nos Países Árabes?" In: H. V. Araújo (Org.), *Diálogo América do Sul - Países Árabes*. Brasília: Funagipri, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAYER, Maria Onice. *Memória da Língua. Imigração e Nacionalidade. Sínteses-ISSN 1981-1314*, v. 5, 2000.

RAMOS, Diógenes Braga. "Desafios de Vivenciar o Ramadan na Comunidade Luz da Fé em Campo Grande." *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10.22 (2023): 131-144.

REVOREDO, Júlio. *Imigração*. São Paulo: Ed. Paulista, 1934.

RODRIGUES, Alan; VANNUCHI, Camilo. "A Lei é Rígida" - Entrevista com Samir El-Hayek, tradutor do Alcorão para o português. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, 2002, pp. 136-148. ISSN 1677-1222.

SANTOS, Luísa Claudia Faria. "Os Atuais Impactos Sociais da Sharia." *Revista Jurídica Online*, 1.7 (2016).

SEYFERTH, Giralda. "A Dimensão Cultural da Imigração." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26 (2011): 47-62.

SILVA, Maria Fernanda Leite de Freitas. *Islamismo e Laicidade: Desafios Jurídicos e Culturais*. MS thesis. 2019.

SONN, Tamara. *Uma Breve História do islã*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

SOUZA, João Silva de. *Religião e Direito no Alcorão*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *O Homem Desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TRUZZI, Oswaldo. *Presença Árabe na América do Sul. História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 359-366, set./dez. 2007.

## APÊNDICE – Transcrição da entrevista nº 1

**Entrevistado(a):** Kamal Muhd Mahmud Hamideh

**Data:** 01/11

**Local:** Mesquita Al Taubah. Rua 60, N 121, Casa 2, Centro, Goiânia-GO

**Entrevistador:** Xeiq Kamal, O senhor autoriza a gravação para fins acadêmicos referente à minha graduação e final de conclusão de curso? Trabalho de conclusão de curso na Universidade PUC Goiás?

**Kamal:** Sim, autorizo.

**Entrevistador:** Vou falar um pouquinho mais alto também. Xeiq Kamal, o senhor nasceu em família muçulmana e a sua mudança e reversão para o Islam, como que surgiu isso?

**Kamal:** Eu nasci muçulmano, família muçulmana, meu avô muçulmano, bisavô, tataravô, tudo de família muçulmana.

**Entrevistador:** Quando o senhor veio aqui para o Brasil, como o senhor estabeleceu aqui em Goiás? Como foi esse percurso para vir aqui em Goiás?

**Kamal:** (resposta Longa) Então eu estudava na Palestina, meu pai já morava aqui no Brasil, quem trouxe meu pai foi meu primo. E meu pai trouxe eu. Na década de 1960, cheguei no Santos, saí da Palestina para a Síria, da Síria para o Líbano, do Líbano pegamos o navio até Santos. Santos não tinha avião, tinha avião, mas usava mais um navio. Gastou 23 dias o percurso do Líbano até o Santos. Chegando em Santos, era de menor, meu pai já estava lá me esperando, mas os parentes. Desembarquei no Santos, eles queriam me deportar de novo, porque era de menor. Meu pai deu um jeitinho lá, arrumou um advogado, através do advogado me fizeram mais velho, cinco anos, para poder entrar no Brasil. Era novo, era menor de idade, então com o aumento de cinco anos, deu a ideia para mim entrar no Brasil. Do Santos fomos direto, pegamos o avião do Santos até Anápolis. Meu pai tinha uma lojinha, e é onde que estabeleci junto com meu pai, em 1960. Foi antes da guerra de 1967? Antes da guerra de 1967. Lá em Anápolis tinha aeroporto comercial? Tinha, me lembro muito bem, o aeroporto é muito rústico, mas até hoje existe.

**Entrevistador:** O seu pai trabalhava de mascate?

**Kamal:** Mascate, ele carregava duas malas, em cada lado, uma mala de um metro. Olha, aquela Dorotex, aquelas antigas, eu também mascateei com ele. Fui para Brasília, era na construção de Brasília naquela época, eu lembro muito bem. Cidade Livre, vendemos, mascateamos em Cidade Livre, tinha muita gente, muitos imigrantes, muitos árabes, muitos palestinos, e não dava valor de tanta imigração, sabe? E vendia ali, voltava para Anápolis, depois para outra cidade, e começamos a vida mascateando.

**Entrevistador:** Perfeito, então a fundação de Brasília deu uma movimentação na época?

**Kamal:** Aham, deu.

**Entrevistador:** Sheikh Kamal, qual é a razão ou sentido de ser muçulmano para o senhor?

**Kamal:** Olha, na verdade, todo ser humano nasceu muçulmano. Todo ser humano nasceu al-fitr, al-fitr é submisso a Deus. O que significa muçulmano? Não é o que o povo fala de hoje, homem-bomba, Estado Islâmico, terrorista, nada disso. Muçulmano significa submisso a Deus espontaneamente. Está vendo como é que é a coisa mais bonita? Você age com o que Deus te orientou, do bem, e nada impõe em cima de você. A sua escolha.

**Entrevistador:** Como o senhor pode falar em poucas palavras a história do profeta Muhammad?

**Kamal:** (resposta longa) O profeta Muhammad, que a paz de Deus esteja com ele, era um homem normal. Ele foi pastor de ovelhas até os 40 anos. Foi comerciante, honesto. Ajudava o tio dele, Abdul-Muttalib. Abdul-Muttalib não era muçulmano, no entanto, ele guarda a costa do profeta Muhammad. O profeta Muhammad nasceu numa família pobre, trabalhou de pastor, cresceu, trabalhou de comércio. Ele vendia mercadoria para uma senhora que seria a esposa dele hoje, naquela época. Ela achou ele tão honesto, e progrediu o começo dela. Então, achou ele honesto, trabalhador, e pediu ele em casamento. Até os 40 anos, ele era um homem normal. Trabalhava, comia, dormia, tranquilo. Mas, ele acreditava numa divindade só. E essa divindade só, o que ele, Deus, inspirou ele, profeta mensageiro.

**Entrevistador:** Nós sabemos que teve um marco do profeta Muhammad, ao sair de Meca para Medina. E nós chamamos isso de Hégira né? E tem um sentido para isso. Para o senhor, qual é o sentido de Hégira para o senhor?

**Kamal:** Quando o Profeta Muhammad foi, ia ser profeta, advogar a palavra de Deus né, o povo Kurais, ficou contra ele, ninguém acreditava, ninguém seguia ele. Só ele e a esposa dele a Khadija, que era mais velha do que ele 25 anos. E ele batalhava para que essa religião expandisse. E todo mundo contra. Batia nele, xingava, cuspiu, mas ele ia na frente, não entregava os pontos. Amava Meca-Al-Mukarrama. De tanta adversidade dele, ele foi obrigado a emigrar de Meca para Al-Madina. Não é por sua vontade, esforço, esforçado, ele não queria emigrar. E acabou migrando de Meca para Al-Madina. Chegando em Al-Madina, o primeiro passo que ele deu foi construir uma mesquita.

**Entrevistador:** Ainda sobre a Hégira, então a Hégira teve um (pausa) qual o sentido espiritual? Porque o senhor falou, ele foi forçado a sair de Meca, não era o desejo dele?

**Kamal:** Não.

**Entrevistador:** Não era o desejo dele? Foi uma necessidade que estava sendo perseguido?

**Kamal:** Aham!

**Entrevistador:** Isso tem um sentido espiritual? Um sentido de sair do seu lugar de nascença para cumprir uma missão divina? Tem esse sentido também, o senhor acha?

**Kamal:** Sim, porque ele pregava um Deus único. O povo do Kurais, lá na Meca-Al-Mukarrama, tudo é ateu, não acreditava nele. Adorava um Deus único e os outros não. Então eles achavam que ele ia virar religião deles. É onde que foi esforçado para se emigrar. E batalhou bastante para que a palavra de Deus ia na frente. Enfrentou dificuldades, enfrentou tanta adversidade, mesmo assim, só ele e a esposa dele foi em frente.

**Entrevistador:** Foi uma jihad, um esforço então?

**Kamal:** (resposta longa) Sim, jihad fissabilillah. Jihad fissabilillah quer dizer lutar no caminho de Deus. Lutar no caminho de Deus não é só em guerra e tudo mais. Se erguer a palavra de Deus, chama-se jihad fissabilillah. Lutar no caminho de Deus. Adorar um Deus único, lutar no caminho de Deus. Construir mesquita, adorar um Deus único, lutar no caminho de Deus. Então ele foi... Ele sonhou que, de repente, ele adorava Deus numa gruta. Chamava-se a gruta Al-Ghar. Essa gruta ele ia, ficava dois, três, cinco dias adorando um Deus único. Aí voltava para a casa dele, fazia as coisas que tinha que fazer e voltava para essa gruta. Um homem normal. De repente, veio o anjo Gabriel, disse para ele, Ibra, lê. Ele disse para o anjo Gabriel, eu não sei ler. O anjo Gabriel disse para ele, Ibra, lê. Ele disse, eu não sei ler. Diz de novo, três vezes, Ibra, lê. Eu não sei ler. Aí o anjo Gabriel completou. Ibra, bismi rabbika alladhi khalaq. Ler em nome do teu Senhor. Ibra rabbika akram. Ler por seu Senhor generoso. Aquele que ensinou o homem que jamais sabia. E dali, com esse aviso do anjo Gabriel, começou a tremer com medo. Foi embora para casa. Contou o que tinha acontecido com a esposa dele. E ela acreditou. acreditou nele e abraçou. Diz que não tem medo. Deus inspirou você como se fosse profeta.

**Entrevistador:** Sendo um palestino muçulmano, como o senhor entende a situação hoje do Estado de Israel na Palestina?

**Kamal:** Olha, a conversar, Israel nunca existiu. Estado de Israel nunca existiu. No entanto, Palestina existia nos livros religiosos, nos mapas, tinha Palestina. Mas o sionismo, a Inglaterra, a Palestina dominada pelos ingleses naquela época. E prometeram Estado de Israel dentro da Palestina para os judeus. Terminou a Segunda Guerra Mundial. O tal de Ben-Gurion, que fundou o Estado de Israel, e o rei da Inglaterra, decretou através da ONU, esforçado, decretou Estado de Israel ao lado da Palestina. Está vendo? Então existia Palestina. E Israel ao lado da Palestina. No entanto, de 1948 até hoje, Estado de Israel está se fortalecendo cada vez mais e não tem Estado de Palestina mais. Não existe. Nem no mapa, nem se fala. Mas nas palavras religiosas ainda existe.

**Entrevistador:** E aí a gente percebe, segundo pesquisas, Xeiq esse crescimento do islam no mundo. E essa proporção, estamos percebendo uma possibilidade da fé muçulmana!

**Kamal:** atingir (pausa).

**Entrevistador:** Poder superar o número de cristãos. O que o senhor acha disso?

**Kamal:** O que está acontecendo? Na Europa, tem muitos países, onde se anda, se depara com o muçulmano, muçulmano, muçulmano. Vai na Alemanha, muçulmano. Vai na Inglaterra, muçulmano. Na França, muçulmano. Todos os lugares, muçulmano, muçulmano. Com toda a ruindade, com toda a adversidade, com toda a adversidade, eles estão indo para frente. Não é só na Europa, nos Estados Unidos, no mundo todo, a religião que mais cresce. Mas por que a religião muçulmana que mais cresce? Porque a religião é preferida de Deus. O que significa muçulmano? Nós falamos no começo, muçulmano é submisso a Deus. O senhor é muçulmano, ele é muçulmano, o menino é muçulmano, todos aqui são muçulmanos. Nós somos todos submissos a Deus.

**Entrevistador:** Agora gostaria de saber um pouquinho como ocorreu a fundação da mesquita?

**Kamal:** Sim!

**Entrevistador:** A organização.

**Kamal:** (resposta longa)Essa mesquita nasceu do nada (riso) Com a ordem de Deus. Eu tomava conta da mesquita de Anápolis, 15 anos. Houve um desentendimento entre os irmãos ali, aí me afastei da mesquita de Anápolis. Eu fiquei com uma mussalla em Nerópolis até hoje. Mussala significa mesquita pequenininha, até hoje funciona. Dali comecei, o meu pensamento construiu a mesquita. E eu e minha esposa. A minha esposa naquela época, essa mussalla de Anápolis, ela chamava-se de mesquita. Eu falava para ela, não, é mussalla. Mussalla significa só para rezar. Ela falou, não, é mesquita. Falei, não, é mussalla, é mesquita, é muçula. Daí começou a chorar ela (pausa) sabe? E a intenção dela, é mesquita, é mesquita, é mesquita. E acabou prevalecendo a vontade dela. Allahu Akbar. Deus maravilhoso. Mas é por ordem de Deus. Por ordem de Deus. A minha vontade, e eu confesso a você, não sou inteligente, não sou rico, não sou conhecido, não tenho. Mas, olha, é força de Deus. Acima de tudo.

**Entrevistador:** E é notável, quando a gente vem na mesquita, a gente perceber muitas pessoas que vêm de vários lugares, etnias, culturas, do mundo inteiro. Frequentando aqui a mesquita.

**Kamal:** (resposta longa) Começou com eu e ela, converteram muitos brasileiros em Nerópolis de Novo Munkobi, aí nós mudamos para a Goiânia. Ela me disse, um dia, tem um lugar, no tal lugar, tem uns muçulmanos do Senegal, vamos fazer visita para eles. Então, não tinha mesquita. Aí viemos, eu e ela, fizemos reunião com eles, era na segunda-feira. Apareciam uns 25 pessoas, naquela época, aqui na frente da mesquita. É onde surgiu a ideia de nós ficarmos na mesquita. Eles falaram assim, o Kamal pode vir, nós vamos te ajudar. Primeira semana não aparecia. Eles fizeram a reunião deles, não aparecia. Ligaram para mim, não esperava você, para ver se não aparecia. Eu falei, você não ligou para mim? Sexta-feira, próxima, eu venho. Na verdade,

próxima sexta-feira, eu cheguei aqui, eu e a mulher. Fizemos a assembleia na frente da mesquita, na garagem, na rua praticamente, debaixo do sol, de chuva. E chuva e sol, o tempo foi passando. Começamos com duas pessoas, duas pessoas, depois oito pessoas, depois 16, depois 20, depois 28, 30 e 50, e até mais, mais e mais. E hoje, com graça de Deus, nós estamos, quando ela enche, passam 120 pessoas.

**Entrevistador:** 120. (Pausa) Essas primeiras reuniões foram em que ano, o senhor lembra?

**Kamal:** Há cinco anos atrás.

**Entrevistador:** 2019?

**Kamal:** Exatamente, tem até as fotos, os que converteram aqui em 2019.

**Entrevistador:** E a mesquita organiza alguma função, trabalho social?

**Kamal:** Sim, damos aula no sábado, os irmãos que convertem, nós explica, ajuda, orienta, e eles estão chegando. Trezentos irmãos brasileiros converteram durante um ano, a nível do Brasil, não é só em Goiânia não, no Brasil inteiro, trezentas pessoas. Muita gente, entre homens e mulheres, né? E muitos homens vêm agora, muitos também afastaram, viram desinteressados, porque a religião muçulmana não é fácil, não. Não é que eu fale que não é fácil, não é difícil, também não é fácil. Tem que seguir muitas coisas, né? Que o islam, antes de tudo, tem que adorar um Deus único, que é o Criador, que criou-se tudo. (pausa) E criou o ser humano para adorar a ele somente.

**Entrevistador:** Certo! Xeiq Kamal, a gente também sabe que a nossa realidade aqui no Estado de Goiás, é para enfrentar as questões políticas do setor aqui mesmo, onde se encontra a mesquita de Goiânia, eu gostaria de perguntar se a mesquita, os membros, ou o senhor, em algum momento, sofreu algum preconceito? ou alguma diversidade?

**Kamal:** Na verdade, com cinco anos, estamos em Goiânia, a não ser uma vizinha ao lado, mas tá beleza, o povo reconhece, respeita, a gente respeita a gente, tem gente que entra aqui, orienta eles, explica a palavra de Deus e sai daqui satisfeito. Não imaginava que ia acontecer isso aí, mas preconceito nunca aconteceu nada, a não ser uma vizinha do nosso lado aqui, pelo contrário, é respeito.

**Entrevistador:** O senhor falou da vizinha, eu tinha lembrado dela, que uma vez eu vim aqui para um evento, e deixei minha bicicleta numa árvore da calçada dela, calçada enorme, e ela viu e falou para tirar, ela falou, quero as coisas de vocês longe daqui.

**Kamal:** Exatamente!

**Entrevistador:** Sobrou até para mim. (riso)

**Kamal:** Exatamente! Muitas pessoas estrangeiras vêm aqui, não conhecem o sistema aí, eu estava na frente, brigava comigo, discutia, chegava até em mim e eu ia para lá, esse dia eu cumprimentei ela, bom dia senhora, ela não respondeu, virou as costas, eu pensei que ela não tinha escutado, aí falei mais uma vez, bom dia senhora, ela não respondeu, virou as costas e continuou varrendo para lá, bom dia senhora, ela disse, sai daqui, senão eu vou chamar a polícia. Isso é que houve, eu estou na casa de Deus, não posso mentir, e é verdade, eu não fiz nada, eu falei, não sei senhora, fica com Deus senhora.

**Entrevistador:** De qualquer forma, há uma resistência, de primeira instância assim, notar a figura de um muçulmano a que as pessoas, a sociedade, não estão acostumadas?

**Kamal:** Ela não gosta da gente, da roupa, não gosta da religião, não gosta de estrangeiro, não gosta de imigrantes, ela fala, não, tudo isso está ilegal no Brasil, todos vocês ilegais. Ela brigou com um, com dois, com três, com quatro, com muitos, muitos foram embora, Deus acompanha eles, mas a gente explicava, explicava e nada, não entendia, até hoje, a gente procura, mas ela, a mulher, ela é racista, racista. Com os vizinhos, beleza, ela entra com os vizinhos dela, mas com nós aqui, não tem menos respeito.

**Entrevistador:** Junta aí o preconceito contra a religião, contra a raça, que tem muitos muçulmanos negros aqui, e com os estrangeiros também, asiáticos.

**Kamal:** A nossa comunidade aqui, tudo é estrangeiro, tudo é negro, a maioria, tudo é pobre, povo humilde, se não fizer o bem, não faz o mal, com certeza.

**Entrevistador:** Dentre as perguntas, que a gente fez aqui, e está sendo bem esclarecedor, Sheik, qual é a relação entre ser muçulmano e ser palestino? Senhor consegue, me traz esse sentido de muçulmano e palestino?

**Kamal:** Olha, o palestino é a origem da religião árabe né. A origem do Oriente Médio é a palestina, apesar que tudo é, chamava-se, a Jazeera Arabia, Asham, significa Asham, Líbano, Síria, Jordânia e Palestina, dali citado no livro religioso, entendeu? Quando se fala em palestino, você pode crer que esse é autêntico muçulmano.

**Entrevistador:** O senhor falou Asham?

**Kamal:** Asham.

**Entrevistador:** Está no Alcorão?

**Kamal:** Tá, Tá, eu te mostro os versículos.

**Entrevistador:** O senhor lembra qual o número, para a gente olhar também? Mas pode ficar para depois.

**Kamal:** Sim, eu posso procurar e passar para vocês.

**Entrevistador:** O senhor, dentre das perguntas, (pausa) eu tenho uma ainda, o senhor falou da vontade de Deus para fundar a mesquita, mas a sede definitiva não vai ser aqui, vai ser perto da rodoviária?

**Kamal:** Acima da Independência, a primeira rua, a 52.

**Entrevistador:** No setor Central ainda ?

**Kamal:** Isso, No centro. Compramos o lote já.

**Entrevistador:** Já está comprado?

**Kamal:** Já está comprado, está pago, escriturado, já temos a alvará da mesquita, já saiu, já liberou. Estamos esperando juntar algum recurso.

**Entrevistador:** Ah, sim, esses recursos vão da própria comunidade, de embaixada?

**Kamal:** Não, vem de ajuda, da comunidade mesmo.

**Entrevistador:** Até para comprar o terreno também?

**Kamal:** Tudo da comunidade, nada de embaixada.

**Entrevistador:** Ah, é porque anos atrás eu entrevistei o senhor sobre a mesquita de Anápolis, e eu fui no arquivo municipal da cidade e vi a notícia da construção da mesquita e estava dizendo que a Embaixada Arábia Saudita do Líbano, se não me engano, contribui.

**Kamal:** Aqui é o contrário.

**Entrevistador:** Aqui é só a comunidade mesmo?

**Kamal:** Aqui é só a comunidade (pausa) e a gente não quer aparecer, eles querem contribuir, mas sem citar o nome.

**Entrevistador:** Mas o senhor pensa em buscar ajuda de embaixada? Algum país Islâmico?

**Kamal:** Não. Não, No momento não.

**Entrevistador:** Certo. Naquela entrevista também, o senhor tinha dito quando se ocupava anos 70, 80, na fundação da mesquita, que o povo lá de Anápolis tinha algumas pessoas, preconceito com os turcos,

**Kamal:** Tinha, na verdade.

**Entrevistador:** chamando os muçulmanos de turcos. Existe ainda esse preconceito chamando vocês de turcos ou mudou?

**Kamal:** Eu acho que não mudou.

**Entrevistador:** Não chama mais de Turco?

**Kamal:** Não existe a palavra Turco, hoje é Libanês, palestino, sírio, naquela época existia e aconteceu. Saiu um boato no jornal se quiser limpar a cidade tem que matar um turco por dia.

Isso aí houve, viu? E essa pessoa que falou isso aí deve ter arrependido demais. Anápolis nessa altura é por causa dos imigrantes.

**Entrevistador:** De qualquer forma, há uma responsabilidade aqui como uma mesquita provisória e com a pretensão então, de fazer essa construção da mesquita oficial existe uma responsabilidade do senhor.

**Kamal:** Sim!

**Entrevistador:** Como o senhor vê essa responsabilidade com a fé muçulmana?

**Kamal:** É uma responsabilidade de Deus que confia na gente. Nós temos que ir para frente. Como eu te falei, eu não sou rico, nem forte, nem conhecido, nem nada. Mas por ordem de Deus. E para Deus nada é difícil. Tudo é fácil. Quando começou aqui, meu irmão, duas pessoas, não tinha nada disso aí. De repente olha nessa altura. Não é por minha inteligência, é por Deus. E quando é pessoa bem intencionada Deus facilita as coisas. Com certeza. E nós, e a minha intenção é ir para frente e continuar erguer essa Mesquita se Deus permitir, não vai demorar, sem pressão. Eu tenho a impressão que até o fim do ano ela vai sair.

**Entrevistador:** Eu já vi muitos sermões do senhor aqui. O senhor estuda a teologia por conta própria ou é alguma instituição?

**Kamal:** Não, esse é por Deus.

**Entrevistador:** É por conta própria?

**Kamal:** (resposta longa) Não estudei nem na Palestina praticamente nem aqui. Cheguei aqui e era novo. Novinho. Não entendo nada. Mas de repente olha tem que agradecer a Deus. Tudo por ordem de Deus. Se você estiver bem intencionado Deus facilita. Se você quiser coisas além da outra vida Deus te dá. E se você quiser coisas mundiais também Deus te dá. Você escolhe. Deus criou o ser humano em perfeita criação. Criou nós aqui, sabe da direita, sabe da esquerda né...Sabe a verdade e sabe a mentira, não é? E sabe esse lado é bom, esse lado é ruim. Veja bem. Se você escolheu o lado bom e dispensou o lado errado você torna perante Deus melhor do que um anjo. Porque os anjos foram criados só para adorar a Deus. Eles não conhecem o lado errado, só conhecem o lado bom. Como é que o ser humano Deus elevou ele. Basta que você obedecer e ir na frente que o Deus gosta. Torna melhor do que anjo. Primeiro anjo é Deus, depois os anjos. Então o ser humano quando ele quer o lado bom para Deus melhor do que anjo.

**Entrevistador:** O senhor é de qual cidade da Palestina?

**Kamal:** Eu sou da Palestina , Al-Madá'i Sharqiyya, pertinho de Ramallah, 15 quilômetros, 25 de Jerusalém. Agora eu fui para Ramallah muitas vezes de a pé, certo? Angola, Axarquia, muitos, a maioria é imigrante do Brasil. A maioria. Agora hoje para os Estados Unidos. Convertido. Convertido.

**Entrevistador:** Eu lembro o seguinte, quando a gente fala, por exemplo, outras pessoas têm uma mesquita aqui, as pessoas esperam, já tem um templo pronto, né?

**Kamal:** Há sim!

**Entrevistador:** E eu lembro, eu explico também, não é não, está construindo ainda, vai construir. E eu lembro que a primeira mesquita lá de Medina, me corrige se eu estiver errado, era de palha, não tinha nem parede, e o Bilalo fazendo o chamado de oração.

**Kamal:** Exatamente!

**Entrevistador:** Quando aqui a mesquita está em construção, o senhor lembra dessa mesquita, não é recordar, se lembra, quando eu venho aqui eu lembro a primeira mesquita que começou do nada, bem simples. Quando o senhor está aqui, o senhor lembra disso, dá alguma inspiração essa primeira mesquita de Medina e essa aqui?

**Kamal:** A gente agradece a Deus. Começar do nada, chega num tal lugar, já tem uma mesquita. O profeta Mohamed, quando migrou, foi numa mesquita, simples. A casa dele encostada na mesquita, igual a nossa aqui de hoje. É um orgulho que a gente chega nessa altura. O profeta

Mohamed Salama diz que quem constrói uma mesquita na terra, Deus, sendo pequeno ou grande, Deus construiu para ele palácio no paraíso. Agora, quem constrói uma mesquita na terra sendo pequeno ou grande, como assim sendo pequeno ou grande? Nem que fosse tamanho do ninho de um pássaro, é mesquita. Não precisa ser aquela mesquitona não, aquela mesquitona grande, bonita. Agora assim, pequenininho é uma mesquita.

**Entrevistador:** O que conta é a intenção, né?

**Kamal:** A sua intenção prevalece. Então, é divulgar o nome de Deus. Porque esse aí se chama Jihad. A mesquita, meu irmão, quem constrói uma mesquita é Jihad, quem sabe lutar no caminho de Deus.

**Entrevistador:** E quem conserta a goteira de mesquita tem prêmio também? (riso)

**Kamal:** Sim, ele tem uma parte. O senhor também tem uma parte que você já está divulgando. A sua caderneta já está com a coisa do bem, já está gravada. Essa não desaparece ainda. Essas conversas nossas hoje, a sua gravação, você deparará com essas aqui no dia do júízo final.

**Entrevistador:** Perfeito! E me fez recordar também de um trabalho que vocês fazem na Praça Tamandaré, né? a Feira Palestina, isso é importante.

**Kamal:** Nós fazemos uma vez por mês, né? Uma vez por mês, começo do mês. Começou do nada e hoje, muita gente. E a intenção é aumentar. Para divulgar o Estado, divulgar a cidade, divulgar a própria cidade também. É um bom caminho. O islam também, né? Na verdade, o islam, o que é o islam? O islam, se você está no caminho certo, não faz coisa erradas, é um muçulmano. Coisa mais simples. Não precisa sacrificar o fulano, é um muçulmano, aí eu vou afastar dele. Mas ele entender as coisas, a origem do muçulmano, ele arrepende.

**Entrevistador:** Então, pelo que eu compreendi aqui na nossa conversa, esse sentido de Hégira, sentido da jihad, o que o profeta Mohamed fez, a partida, esse sentido então é do islam como um homem justo, é isso?

**Kamal:** O islam é justo em todos. Para ser muçulmano, por exemplo, você tem que acreditar em todos os profetas iguais. Você tem que ser humilde. Para ser muçulmano, tem que respeitar os mais pequenos, os mais pequenos, ainda mais os velhos. Tem que ajudar os pais, os próximos. Muçulmano, não tem diferença entre negro ou branco, nem rico nem pobre, nem homem nem mulher, todos iguais. Todos no mesmo patamar. A diferença entre eu, o senhor, o diabo e outra pessoa, é o coração, é a fé. Mas nós estamos na mesma, perante Deus, o muçulmano é assim. Ele não tem racismo, não. O profeta Mohamed, no último discurso dele, o ano da morte, por três dias, ele falou, ele pisou na palavra racismo nos seus próprios pés. Não existe racismo no islam. Não existe racismo no islam. No entanto, Palestina, cristão, vive ao lado do muçulmano, ao lado do judeu, em paz. E é verdade, tá vendo? Mas, por coisas que a gente não tem capacidade de encontrar, é o sionismo que faz essa divergência.

**Entrevistador:** Tanto é que persegue cristãos e muçulmanos né também?

**Kamal:** Para ser muçulmano, você tem que respeitar os outros. Aliás, o muçulmano respeita toda a religião. Não discute. E para ser muçulmano, tem que acreditar em Jesus, amar Jesus e respeitar. Se faltar uma dessas três coisas, não é muçulmano. Está vendo como é? Já o judeu, o judaísmo, não reconhece Jesus, que é a paz esteja com ele. Eu reconheço. No entanto, hoje, muita gente se dá a vida para o Israel. E Israel, quando se depara com a palavra Israel no evangelho, nos livros religiosos, não é o Judeu de hoje não. Quando se depara com a palavra Israel, significa Jacó e seus filhos.

**Entrevistador:** Quando o senhor veio para o Brasil, o senhor lembrou da Hégira, Pensando que foi uma migração também? Ou hoje, a Hégira do profeta inspira o senhor de algum modo?

**Kamal:** Hoje, a vida do profeta me inspira. Porque, quando me virei para cá, não pensava nem nada disso. E veio a minha intenção é trabalhar, porque já é comerciante e me chamou para trabalhar junto com ele. E veio. Casei a primeira vez, porque quando eu morri, eu tinha 49 anos.

Deus levou ela. Câncer. Casei com essa senhora brasileira. Ela que me ajudou a levantar essa mesquita, juntamente com os irmãos do Senegal. Dali, comecei a entender o que é a vida. Comecei a vida do profeta Mohammad, dos profetas, e Deus mais profundamente. E segui o caminho dele. E até hoje, até o último dia da minha vida, é trabalhar no caminho de Deus. Jihad fissabilillah. lutar no caminho de Deus. O que nós estamos fazendo nessa mesquita. Nós não estamos fazendo nada mais do que isso aí. Não tenho salário, ninguém me paga nada. Quem me paga é o próprio Deus. Olha, eu ganho pouco, mas não falo nada.

**Entrevistador:** Então, a missão religiosa veio depois que o senhor migrou para cá?

**Kamal:** Foi depois.

**Entrevistador:** Ah, entendi!

**Kamal:** Foi depois! Então, foi passando, né? E a religião foi entrar muçulmano, na verdade. Mas, vinha para Anápolis, rezasse na mesquita, morava em Nerópolis, ia para rezar lá. Tomei a conta da mesquita há 15 anos. E por Deus, me orientou, me ajudou. Lá em Goiânia, lá tem muçulmanos, e a minha casa vai ser erguida lá por sua responsabilidade. E vai ser, se Deus quiser.

**Entrevistador:** Mais alguma questão colocou? Eu estou contemplado. (riso) Eu também estou. Então, nós queremos agradecer, né? Mediante a entrevista, mediante a fala do Xeiq Kamal. Estou aqui juntamente com o meu co-orientador, Tiago Damasceno. E muito esclarecido, né. Todas as perguntas, Xeiq. A gente agradece a atenção, o gesto sempre de forma carinhosa, de forma respeitosa, desde o primeiro contato, estando aqui na mesquita, e eu me sinto em casa. Muito obrigado pela conversa, pela entrevista, e que vai ser muito proveitoso para a pesquisa, para o trabalho, e também para nós, para toda a sociedade.

**Kamal:** O meu agradecimento, que vocês vêm lá na casa de Deus, né? E eu lhe agradeço vocês. Aliás, vocês são irmãos, juntamente com nossos irmãos daqui. Não separa o irmão, o migrante, com o de vocês. É igual, é igual. Não separa vocês com os meus filhos não. É igual. Não separa vocês com os que estão aqui. Tudo é igual. E sejam bem-vindos a qualquer hora. Eu agradeço vocês pela oportunidade que me deram, né? A gente não falou só o nome de Deus, né? Nada é outra coisa. E essa é uma lição para a gente. Algo amado, bom, aconteceu na minha vida. Conhecer vocês. Sejam bem-vindos. Todo dia, qualquer dia, qualquer hora, nós estamos aqui. E agradeço esse país maravilhoso que acolheu nós. Até hoje, amanhã está acolhendo um imigrante. Chegou um imigrante ontem, vai vir na mesquita hoje. E agradeço a mulher que está apoiando essa causa palestina bastante.

**Entrevistador:** Perfeito Xeiq!

## APÊNDICE – Transcrição da entrevista nº 2

**Entrevistado(a):** Fátima Hamideh

**Data:** 01/11

**Local:** Mesquita Al Taubah. Rua 60, N 121, Casa 2, Centro, Goiânia-GO

**Fátima:** É o mesmo do Kamal.

**Entrevistador:** Ah, Kamal Hamida.

**Fátima:** É, Hamideh!

**Entrevistador:** Dona Fátima, a gente está aqui com o Maurício, estudante de História da PUC. Ele fez uma entrevista há pouco com Xequie Kamal para o TCC dele. A gente quer saber se a senhora também autoriza o uso da entrevista para o trabalho dele?

**Fátima:** Sim, está autorizado.

**Entrevistador:** Vai, pergunta. Ah, deixa eu começar mesmo.

**Entrevistador:** Dona Fátima, a senhora nasceu brasileira?

**Fátima:** Primeiro eu vou responder de uma forma que o islam indica, né? Que eu digo, Bismillāhir-Raḥmānir-Raḥīm. A ‘ūdhu Billāhi Minash-Shayṭānir-Rajīm. Que é, quer dizer, me refugio em Deus contra o Satanás maldito. E em nome de Deus, o misericordioso, o misericordioso. Eu sou, qual a pergunta que você fez?

**Entrevistador:** A senhora é brasileira?

**Fátima:** Sou brasileira.

**Entrevistador:** A senhora nasceu em família muçulmana ou se reverteu?

**Fátima:** Eu me reverti há 12 anos atrás.

**Entrevistador:** 12 anos, certo.

**Entrevistador:** Como a senhora conheceu o Xequie Kamal?

**Fátima:** Essa foi a melhor parte, né? (riso) Porque eu era muçulmana há um ano e eu precisava aprender a rezar. E ele estava de plantão na mesquita. E eu me dirigi até essa mesquita após longas buscas porque não é fácil encontrar mesquita no Brasil. E eu cheguei na porta e ele disse assim, Bem-vinda à casa de Deus. E eu falei assim pra ele, Você me ensina a rezar? Ele disse, Sim, ensino. Aí eu entrei na mesquita, ele me ensinou a rezar. E 20 minutos depois, ele me pediu em casamento. Ele me disse assim, Ele me disse, Ontem eu, dentro dessa mesquita, eu pedi pra Deus uma esposa. E você é a esposa que Deus me mandou. Você aceita casar comigo? Aí eu aceitei. Um mês depois estávamos casados e estamos juntos há 12 anos.

**Entrevistador:** Essa mesquita era a de Anápolis?

**Fátima:** A de Anápolis.

**Entrevistador:** E a mesma pergunta que eu fiz pro Xequie, Gostaria de ouvir pela senhora, Esse sentido da fé muçulmana. A senhora se encontrou, né? Primeiro com o Xequie. Fez sentido, após o casamento de vocês, o islam pra senhora, ou antes de conhecer o Xequie? Porque a senhora disse que já estava à procura, né?

**Fátima:** Eu me apaixonei pelo Alcorão um ano antes de conhecer o Xequie Kamal. Foi isso que me fez conduzir ao islam. É a paz, a tranquilidade, a firmeza, a fé. São sentimentos únicos, que você só encontra no Alcorão. Muitas pessoas tentam buscar isso fora, mas não é completo. Porque o Alcorão é uma mensagem divina, né? É como se você estivesse falando com Deus em primeira pessoa. Então essa entrega, esse momento meu com o Alcorão, me fez seguir pelo

islam. Foi uma identidade, uma busca de identidade. Eu precisava me conhecer, eu precisava saber quem eu era nesse mundo de hoje, né? E eu me descobri sendo muçulmana. Porque muçulmana é um método de vida, é uma conduta de vida, não é só uma religião, né? Você fica sabendo como que você faz a sua vida, como que você vai levar... É como se você tivesse um grande mentor, um grande coach. E esse grande coach é Deus, né? Então é muito, muito fácil.

**Entrevistador:** E a senhora também tem uma certa responsabilidade com as mulheres, as senhoras, as esposas que vêm para a mesquita. A senhora fica responsável, que eu percebi na mesquita também, para conduzir essas mulheres, a oração. A senhora tem essa responsabilidade sempre com o Xequie Kamal?

**Fátima:** Sim, a minha responsabilidade dentro da mesquita aconteceu na primeira semana que eu estava casada com ele. Ele já me delegou tarefas, né? E nós fizemos um dawa para Caldas Novas, um jamate que veio da Inglaterra. E nós fomos a esse dawa, fizemos esse dawa, que é essa divulgação, para 350 crianças e mulheres. E eu assumi a parte das mulheres, respondendo as perguntas e orientando e seguindo, e isso até hoje. As responsabilidades são divididas, né? O Kamal fica com os homens e eu fico com as mulheres. E é claro que ele é o Xequie da mesquita. Sempre que tem algum assunto mais difícil, eu recorro a ele, né? Mas o geral, o básico, assim, é comigo. As mulheres se identificam comigo também. Então é uma troca, né? E a gente aprende junto com ele. Então é muito bom.

**Entrevistador:** E a partir da reversão da senhora, a senhora, de alguma forma, viveu alguma diversidade, algum preconceito em relação à fé muçulmana que a senhora tem?

**Fátima:** Eu não vivi, mas a comunidade viveu. Eu não tenho comigo nenhuma marca que eu me recorde de preconceito. Mas a comunidade viveu. Aqui a gente tem uma vizinha extremamente racista, islamofóbica, que fica jogando água nas pessoas, joga sujeira nas pessoas, joga barro nas pessoas. Ela é um caso de muita paciência. A gente não levou isso adiante no sistema jurídico, porque a gente se inspira nas ações do profeta Muhammad, que tinha um judeu que jogava lixo na porta da casa dele durante anos, e ele teve paciência, e esse judeu um dia se reverteu e virou muçulmano. Então a gente faz a mesma coisa com ela, a gente tem paciência com ela. Sober, né? Sober.

**Entrevistador:** Eu vou perguntar da mesquita também. A gente estava falando com o Xequie Kamal, as reuniões para fundar a mesquita começaram em 2019, da comunidade. Como é que está sendo para a senhora esse processo de fundar a mesquita em 2019? Como é que está sendo hoje? Você tem dificuldade? Como é que a senhora enxerga essa parte da mesquita, essa história iniciante da mesquita, que ainda é nova, cinco anos? É sober.

**Fátima:** (resposta longa) Sober! Sober! Porque tem que ter paciência para todas as etapas, né? A primeira etapa foi muito fácil, que foi a fundação da mesquita com a papelada, né? Nós fizemos isso, eu e Rosângela, ela já faleceu, que Allah tenha misericórdia da alma dela. Foi uma excelente advogada, ela fez o estatuto da mesquita muito rápido, e o Kamal foi surpreendido com o resultado, porque ele não sabia que a gente estava fazendo isso. Então, as mulheres fizeram, nós fizemos as reuniões, a ata de fundação, o estatuto, e fundamos a mesquita, quatro mulheres. E o Kamal era o que assinava como presidente, mas ele ficou sabendo somente no final, que era ele que ia assinar como presidente. Ele foi eleito sem mesmo saber. Sem saber. Porque eu tinha um sonho, eu tinha um sonho de construir uma mesquita, isso era o meu sonho. Eu fiz a súplica para Deus na mesquita de Anápolis, que eu queria uma mesquita onde as mulheres tivessem voz, que não fosse só um objeto, porque às vezes você fica num canto, parecendo um abajur, né? E eu falei que não, que eu queria ter voz, eu queria que a gente tivesse os nossos projetos, as nossas obras, que a gente pudesse levar a mesquita adiante. E essa mesquita, a mulher tem voz, né? A gente, todo mundo que vem aqui, irmã Fátima, vamos conversar sobre isso, vamos conversar sobre aquilo, estou sempre disponível, ou quero

aprender, ou vem comigo. Então era muito fácil, a gente distribuiu o Corão também, na outra não podia distribuir o Corão. Era, o Corão era algo que não se distribuía. Eu falei, como que você vai ter uma religião sem distribuir o Corão? E agora, pela facilidade que a gente tem os pequenininhos, a gente já distribui. Lá se distribuía um, se você tivesse feito, era a regra, dois anos de reversão. Aí se reconheceu o Corão dois anos depois da reversão, não fazia sentido. Isso foi o motor para eu pedir para Deus uma mesquita. E aí, tudo começou dessa forma. E hoje, a mesquita é uma mesquita viva, é considerada uma das melhores mesquitas do Brasil. O cubano chegou aqui dizendo que aqui era a melhor mesquita do Brasil, que tinha referência no Mato Grosso. Outras pessoas chegam e falam que aqui é bem acolhedor. O que a gente faz? Quando o irmão do caminho, é chamado esses irmãos do caminho, que esses que vêm para cá, se aproximam da mesquita, ou entram em contato pelo telefone, ou aparecem aqui na porta, a gente tenta resolver o problema dele. Se ele não tem lugar para ficar, a gente arruma lugar para ficar. A gente consegue arrumar documentação dele de estrangeiro. A gente consegue advogado para ele resolver esses problemas. A gente dá comida, a gente dá dormida. Agora não mais, porque a gente teve uns probleminhas com relação a dormir, a gente manda eles para um hotel. E muitas vezes eles têm condição, outras vezes não têm condição. Então é um trabalho muito extenso. Tem que ter muita disciplina, e tem que ter muito amor para fazer, muito acolhimento. E a gente tem junto, eu e Kamal, a gente tem essa característica de acolher as pessoas, de receber as pessoas, de ajudar as pessoas. A gente fica de plantão aqui na mesquita. Qualquer hora, o telefone toca, pode tocar meia-noite. A gente já foi buscar gente uma hora da manhã em Anápolis, porque a pessoa estava lá e não sabia onde ficava a mesquita mais próxima, e a mesquita não abria para eles. E a gente ia lá e buscava pessoa. Hoje ele está no Paquistão, mas ele foi parte da nossa comunidade muito tempo. Então o nosso trabalho é um trabalho de muito amor mesmo, de muita dedicação, de muito carinho, de muita sabedoria, porque tem que ter muita sabedoria, de muita paciência. E a mesquita está sendo construída. Eu digo que a mesquita já está pronta, mas ela vai ter novos... A mesquita já está pronta, porque ela funciona como mesquita, mas ela vai ter um novo layout. Esse novo layout, só Alá sabe a data certa que vai estar pronta, porque o dinheiro do mundo é de Alá, Ele põe na mão de quem ele quer, na hora que ele quer. E a gente está aqui para esperar. Inchalá, seja comigo e com kamal vivos ainda, mas se não for, vai ser na outra geração, mas a gente está aqui fazendo o nosso melhor para que isso aconteça.

**Entrevistador:** E essas quatro mulheres que fundaram a mesquita foram a senhora, a doutora Rosângela

**Fátima:** Eu, Rosângela, Ted...(pausa) A Ted...(pausa) E tinha mais uma. Rosângela, Ted e Janaína.

**Entrevistador:** Todas muçulmanas. Brasileiras ou tinha alguma estrangeira?

**Fátima:** Todas brasileiras, nenhuma estrangeira.

**Entrevistador:** Todas aqui de Goiânia mesmo?

**Fátima:** Todas de Goiânia.

**Entrevistador:** Interessante. E sobre os muçulmanos estrangeiros, que a senhora acolhe, a senhora Kamal acolhe, quando eles chegam aqui, qual o status deles? É de imigrantes ou de refugiados?

**Fátima:** Tem imigrantes e tem refugiados. A maioria é refugiada. O Paquistão, a gente teve uma grande leva de pessoas do Afeganistão. Foram 200 pessoas que nós recebemos aqui na mesquita. Foi o maior número. E o menor número, o cubano, que veio sozinho. Por enquanto é só o cubano. Só o cubano. Ele não tem outros cubanos. Então a gente só viu ele. Eu até falei, gente, mas o que um cubano tá fazendo em Goiânia? Ele falou, eu vim porque me indicaram na sua mesquita como a melhor do Brasil.

**Entrevistador:** E quem veio do Afeganistão, do Paquistão, tem alguma relação com o Talibã? Porque o Talibã voltou ao poder em 2021, a senhora sabe?

**Fátima:** Tem toda relação com o Talibã, porque eles todos estão fugindo do Talibã. Porque o Talibã, se eles ficam lá, eles cortam a cabeça deles. Todos. Todos. Se eu ficasse no Afeganistão, eles iriam cortar a minha cabeça. E a mesma coisa, a mesma palavra de um, de outro, da mulher, do menino, da criança, largaram para trás casas, carros, vida rica. Para você ter uma ideia, é casa do tipo Alphaville. As casas. De luxo mesmo. De luxo. Você fala assim, como que pode ter uma casa dessa no Afeganistão? Porque a gente tem noção de Afeganistão com montanhas, com as pessoas mais assim, mais rudes, mas não. São extremamente educados, alto nível de educação. Todos têm formação. Muitos são médicos, engenheiros. É muito, muito professores.

**Entrevistador:** É que, na verdade, quem consegue fugir desses regimes, é porque tem dinheiro, que é caro, né? É caro para fugir.

**Fátima:** Foge com a família inteira. 10, 12 pessoas.

**Entrevistador:** Tanto que o povo divulga muito ah, o refugiado é pobre, é perigoso. Não é gente que tem estudo, tem profissão, que tem algum dinheiro para poder fugir. Porque quem não tem fica por lá mesmo. Sofrendo ou morre.

**Fátima:** Sofrendo ou morre!

**Entrevistador:** E eu vejo muitos africanos no centro, muçulmanos, eles são vendedores ambulantes. A maioria dos que vêm, como é que eles estão vivendo? Eles estão nessa economia informal ainda? Ou eles conseguem um emprego informal? O que a senhora sabe?

**Fátima:** Esses que estão no centro da cidade são senegaleses. São extremamente educados. O nível de educação também é bem alto. Eles falam dois idiomas ou três. Porque falam o dialeto, falam o francês, falam o árabe. Eles são extremamente educados, extremamente felizes. Você já ouviu falar em comunidade feliz, assim, que ninguém briga. Todo mundo convive, não tem DR. Tudo que você vai falar com eles, eles estão sorrindo. Eles são maravilhosos para você lidar. Extremamente honestos, religiosos. E vivem de fazer... Como chama? Camelô, né? Eles são camelô, ferantes.

**Entrevistador:** A maioria ainda está na economia informal, sem carteira assinada!

**Fátima:** Mas eles se viram do primeiro dia que chegam. Esses não pedem socorro, não pedem apoio para a mesquita, não pedem nada. Eles vão direto, já pegam a malinha deles, saem vendendo e fazem dinheiro e alimentam 20 lá na África. Eles têm umas famílias... E é muito bonito que eu perguntei pra ele como é que era lá na família deles. Perguntei o Serine. Ele falou assim, lá todo mundo mora perto e a cozinha é uma só pra todo mundo. Então a gente come todo mundo junto, a gente dorme todo mundo um perto do outro, um na casa do outro. E são primos e irmãos. Eles são primos, mas se reconhecem como irmãos. São muito lindos.

**Entrevistador:** Gostaria de saber, por conta desse projeto de fé do coração de vocês, gostaria que a senhora contasse uma experiência com esse acolhimento que a senhora ficou responsável com as mulheres, a parte das mulheres, né? A senhora poderia contar uma experiência de acolhimento de quem a procurou, a mesquita ou a senhora as mulheres, por exemplo?

**Fátima:** (resposta longa) Eu sou considerada mãe de todos. Então, todas as pessoas que chegam aqui, não tem um fato ou outro isolado. Mas eu tenho um protocolo. Quando a pessoa chega, ela quer atenção. Ela quer ser acolhida, ela quer fazer parte de uma família. Elas geralmente não têm famílias ajustadas. Não todas. Não pode falar que isso é uma regra. Então o que eu faço? Eu recebo a pessoa individualmente, ouço toda a vida dela, tem pessoas que me contam horas a vida dela. Uma hora, uma hora e meia. Eu recebo essa pessoa, eu escuto a vida dela, e eu tenho uma sensibilidade de saber onde é que está o problema. Então, eu vou te dar um exemplo. Chegou uma menina que falou assim, olha, eu briguei com a minha mãe. Eu falei, como é que foi essa briga? Ela falou, nossa, foi muito feia. Minha mãe, ela é meio narcisista. Eu falei, não, não tem meio narcisista. Ou ela é narcisista, ou ela não é. Ela falou, não, minha mãe é narcisista. E isso está me fazendo ter vontade de tirar minha própria vida. Falei, então, vamos por baixo, me conta a sua história. Ela contou a história dela, eu escutei, falei pra ela o

seguinte, eu falei assim, por que que você ainda aguenta dessa forma tudo isso da sua mãe? Ela pegou e falou assim, é porque eu queria uma mãe pra mim. Eu queria uma mãe que fosse compreensiva. Eu queria que fosse uma mãe que me entendesse, que eu pudesse compartilhar meus sonhos, que pudesse me ajudar nas minhas coisas. Eu falei, então vamos fazer uma troca? No Alcorão diz que Deus fez a família de sangue e a família de alma. A família de sangue é essa que você nasceu, você não pode escolher, está ali e pronto. A família de alma é Deus que escolhe pra você, mas você tem que querer. Se você quiser ser minha filha adotiva, filha de alma, eu vou te receber muito bem, eu vou te acolher e você vai ser minha filha e você vai projetar em mim o que você projetou nela. Deixa a sua mãe pra lá, muda pra casa da sua avó, procura um emprego, sai desse relacionamento tóxico e você vai ver sua vida melhorar. E assim nós fizemos, hoje ela me chama de mãe, tudo ela conversa comigo, tudo ela compartilha comigo, ela está procurando trabalho, ela sai, ela vai pra lá, ela volta, ela fala tô saindo, tô voltando, eu vou estabelecendo um vínculo com ela. É claro que eu não sou mãe dela, de mãe de coisa, mas de alma eu sou. Eu me coloquei no lugar dela, tinha um vazío. Então pode... E não é só ela, aqui tem quatro do Senegal que me chamam de mãe, tem a Janaína que me chama de mãe, e as meninas vão chegando e vão se identificando porque eu fico no lugar de mãe. Na comunidade senegalesa isso é normal. A mulher do Checho é mãe da comunidade. E aqui eu assumi a mãe da comunidade. Essa foi a primeira vez... Ah, tem um também, ele está na Medina. Ele está em Medina e me chama de mãe. Ele decorou o corão, e um dia ele falou que a mãe dele tinha falecido. Eu falei, eu tinha um sonho, de ter um filho Rafis. Aí ele falou assim, e eu queria tanto uma mãe, eu falei, então vamos fazer o seguinte, eu fico sendo sua mãe, você fica sendo meu filho. Combinado? Combinado. Está valendo até hoje. Já tem dez anos esse relacionamento. Ele faz prova, ele me manda as notas da prova, como é que ele está indo lá. É uma pessoa maravilhosa. E um dia ele vai vir pra cá. Eu tenho essa esperança. Então, eu acolho todos eles. Aparecem pessoas aqui que são inacólíveis? Aparece. Tem gente que não dá pra acolher. Porque são pessoas perturbadas. Eu não me meto nessa zona, não. Agora, as pessoas que são acolíveis, que são respeitadas, porque eu também tenho meu limite. Eu preciso de respeito. Segurança. De segurança. Eu não posso acolher uma pessoa que está toda perdida na vida. Eu já não faço esse papel. Mas alguém que quer vida nova, que quer uma nova conduta, que está procurando Deus, que precisa de ajuda, aí eu acolho como filho. Vai crescendo aí os meninos. E é bom que é tudo grande, não dá trabalho, sabe? É só a questão de afeto. Porque Deus é afetuoso. E quando você dá afeto pra alguém, Deus dá mais afeto pra você. Então, muitas vezes, as pessoas têm problemas de depressão, ou de solidão, mas é porque elas não dão. Porque se você começar a dar amor, você vai receber amor em troca. E não é porque eu quero receber em troca, não. É porque vem, sabe?

**Entrevistador:** E desde a primeira vez quando eu vim na mesquita, eu senti abraçado dessa forma. E fica uma certa vontade de nem sair aqui da mesquita. E pensar que ainda é, provisoriamente, pensar como vocês ainda sonham, ou têm um desejo dentro do coração de vocês pra projetar uma mesquita de uma maneira arquetípica, né? Tem esse desejo? Tem esse projeto, esse plano?

**Fátima:** Esse plano tá na nossa mente 24 horas, Minha do Kamal. Porque quando a gente se distrai um pouquinho, você tá no dia-a-dia, você esqueceu o seu plano. Quando a gente senta, tá nós dois, essa mesquita tem que sair. É a primeira frase que sai da boca do Kamal. Essa mesquita tem que sair. E eu sempre falo, a mesquita vai sair quando Deus quiser. Não é no nosso tempo, porque tem tempo pra tudo no mundo. Às vezes, a nossa comunidade precisa dessa mesquita pequenininha, ainda, colhedora, pequenininha. Às vezes, é essa a nossa etapa. Quando chega uma mesquita grande e bonita e portentosa, às vezes ela vai perder o acolhimento. Às vezes. Embora se for eu e kamal junto, não perde. Mas a gente quer, sim, que essa mesquita seja levantada. A gente quer uma mesquita bonita, com... Eu acho essa mesquita

linda. Eu não acho aquilo feio. Troca o telhado e vira, fica linda. Tá faltando um pouquinho. Só trocar o telhado. E eu já peguei tanto amor aqui que eu moro no fundo da mesquita. E eu podia morar, o Kamal falou assim, vamos morar numa casa, eu alugo uma casa maior e tal. Eu falei, eu não quero sair daqui. Eu quero morar no fundo da mesquita, no barracão, que aqui a gente entra, toma café, sai, come biscoito, faz almoço, sai e não tem divisão. A gente está 24 horas por conta da mesquita. E é isso que eu gosto. E o Kamal também gosta desse jeito. Ele, eu estava em Portugal, ele me ligou e falou assim, o barracão desocupou, eu vou mudar pra lá. Eu falei, como você vai mudar pra lá se eu estou aqui em Portugal? Ele falou, não, eu vou mudar pra lá. Já decidi. Eu falei, então, tá bom. Eu estou chegando aí pra te ajudar. E mudou pra cá porque o barracão mandou pintar e tudo. Feliz da vida. Então, é simples, mas ele é com tanto amor que... E a gente não tem solidão aqui. Toda hora chega um, chega outro, chega outro. Imagina você estar com 80 anos, ativo, sem solidão, sem... não é maravilhoso? Com um projeto de vida, com sonhos, é maravilhoso. Então, não tem explicação.

**Entrevistador:** E aí, então, em cima disso que a senhora acabou de dizer, qual é o sentido da fé muçulmana pra senhora? Qual é o sentido do islam pra senhora?

**Fátima:** Eu fico pensando em quem não tem o islam? Como que vive? Porque a fé, ela é tudo pra um ser humano. Você pode não precisar da fé se você não tem dificuldade. Mas se você tem qualquer dificuldade, a fé faz toda a diferença. Ela faz você se transportar pela dor e chegar no amor. Ela faz você acreditar que existe uma vida depois dessa vida. Que a sua alma não morre. Que você tem outra vida. Que você tem outra chance. E que se você fizer o bem, e se você fizer o bem e obedecer a Deus, você vai estar num ótimo lugar. Então, tudo isso é fé. A fé, ela te conduz pro paraíso. A fé te conduz pro paraíso. E não tem sentido você viver uma vida só por viver. Só por estar aqui. Só por trabalhar aqui. Como assim trabalho? Me conta alguém que tem êxtase no trabalho. Geralmente é mais dor do que êxtase. Ai meu Deus, hoje lá vou eu. Poucas pessoas têm essa possibilidade. E eu acho que a fé, ela conduz a proximidade com Deus. E ele é afetuoso. Você consegue sentir o afeto de Deus nos seus atos. É um presente que não tem preço. Porque muitas vezes você fica se relacionando com um monte de gente. Procurando um afeto. Procurando um afeto na família. Às vezes no pai e na mãe. Não tem no pai e na mãe. Não tem amor. E cadê o afeto? Nada existe. E Deus te dá todo o afeto através da fé. Se você tiver fé você sente o afeto de Deus. Você sente a misericórdia de Deus. Você sente o amor de Deus. Você sente o carinho de Deus. Você sente a presença de Deus. E isso só através da fé. Então ela é a chave pro paraíso. Não tem descrição. Não dá pra descrever a fé. A não ser sentir.

**Entrevistador:** A senhora também entende a fundação da mesquita como uma jihad?

**Fátima:** Entendo. Eu falo que eu sou uma jihadista. Kamal jihadista. Segurar a mesquita aberta é uma jihad. Você dar um sorriso é uma jihad. Você fazer dao é jihad. Você tá em comunhão com a sua comunidade é jihad. Você se livrar dos problemas é jihad. Você ajudar o outro com os problemas dele é jihad. Tudo que você faz pra agradar a Deus é jihad. Lutando, né? Porque a luta não é só armada. Abrir uma mesquita é uma grande jihad. Você lutar na Palestina contra os contra os sionistas é uma grande jihad. É a jihad maior. Você morrer em nome de Deus nessa situação é uma jihad. Então, às vezes, as pessoas confundem. Falam assim, ah, muçulmana, terrorista, jihadista, terrorista. Não é. Depende do porquê que você tá morrendo. Do que você está lutando, né? Então, por que é uma jihad? Porque é difícil. É uma coisa que é pros fortes. Você não... Você tá aqui todos os dias, aberto, funcionando há 10 anos, sem fechar, é pros fortes. É para os fortes, sem desistir, porque as dificuldades vêm. Tem a conta de luz, tem a conta de água, tem que pagar, tem que usar. Mas Deus manda providência. A gente não tem ajuda aqui de nenhum mundo árabe rico, poderoso e famoso. A nossa comunidade é uma comunidade pobre, que são feirantes. Não pobre de dinheiro, não pobre de menos recursos. Porque pobre não tem ninguém pobre aqui, todo mundo é milionário. Com a fé que essa turma tem, é todo mundo milionário. Mas a gente tem recursos poucos para tocar e nunca fechou a

mesquita. E Deus sempre dá um jeito e a gente está firme. E nunca o Kamal pediu um centavo para um irmão aqui dentro da mesquita. Falou assim, me dá 10%, 5%, 3%, não. Não existe isso aqui dentro. É só Deus que manda a pessoa ter a intuição de ajudar.

**Entrevistador:** Foi muito esclarecedor entender a vida do Xeique, o chamado do Xeique. E também o complemento para que a mesquita fosse desenvolvida. Percebi que foi feito mais por uma intenção projetada pela senhora. Fazendo o Xeique enxergar a mesquita como um ponto de recurso. Onde as pessoas podem se entregar. Onde as pessoas podem ter um ponto de apoio. E isso faz sentido. Isso é proveitoso, vamos dizer assim. E não tem fim, não tem limite. Dessa forma que eu vejo a mesquita de Goiânia. Pelo trabalho que vocês desenvolvem aqui. Gostaria que a senhora deixasse para finalizar a nossa entrevista. Uma mensagem para aquelas mulheres aqui em Goiânia. Em volta da mesquita. Que pode ter esse ponto de apoio. O que a senhora pode deixar como mensagem para as mulheres. Como a senhora faz um bom trabalho, que eu percebo.

**Fátima:** (resposta longa) É importante que essas mulheres que estejam pensando em conhecer o Islam. Que venham conhecer. Porque a gente está de braços abertos. Aqui a gente é bastante acolhedor. É uma comunidade muito simples. Não tem ostentação. Não tem aquelas árabes com ouro pendurado. Que todo mundo fala, não vou lá não. O povo é muito rico e não sei o quê. Não, não tem nada disso. Aqui todo mundo se ajuda. Todo mundo é irmão do outro. As pessoas quando chegam, chegam para dentro de uma família. E a gente aqui vai aprender sobre Deus. Sobre os nomes de Deus. Sobre a vida que Ele gostaria que a gente levasse. Sobre os ensinamentos dos profetas. Sobre os ensinamentos de Abraão, de Isaac, de Jacob, de Noé, de Moisés. Do profeta Muhammad, do profeta Jesus. Então é uma linguagem de anjo. Porque o anjo Gabriel revelou ao profeta Muhammad o Alcorão inteiro. As palavras que Deus passou para ele. Não é que o anjo Gabriel sabia o que dizer. É que Deus mandou para ele o Alcorão. Para ele ler o Alcorão. E do mesmo jeito que o Alcorão foi revelado há 1400 anos atrás. A gente tem o mesmo Alcorão hoje sem uma vírgula, sem uma mudança. Então venha conhecer você que está aí pensando em talvez chegar aqui. Que venha conhecer a nossa história. Que venha conhecer o Alcorão. Que a gente te dá um Alcorão para você levar para casa. Para você ter essa intimidade com Deus que é o tão importante. Obrigado. Obrigado pela entrevista. Obrigado pela sua colaboração. A conversa está sendo maravilhosa e esclarecedora. Estamos andando diante. Depois da fala do Sheikh, a senhora cooperou também com muita satisfação por mim. Agradeço muito a atenção da senhora Quando o Kamal, ele chamava Moussala de Moussala e eu falava que era mesquita, é porque eu tinha feito súplica para Deus e eu pedi para que fosse uma mesquita. Eu falei, meu Deus, eu quero uma mesquita, e para mim era uma mesquita. E o Kamal achava que Moussala era uma coisa pequenininha, sem tanta importância, mas assim, importante, mas não tanto quanto a mesquita, né? Aí eu levantei, eu chorei, ele falou que era Moussala, eu chorava, ele falou que não era mesquita, aí nós fomos para levantar para rezar de madrugada, eu peguei e falei assim para ele, isso é importante, eu falei assim para ele, eu falei assim, Kamal, abre o corão, Rabir, me dá um corão em português. Aí eu falei assim, abre o corão, aí ele abriu o corão, eu falei assim, acha Taubah presente. Aí eu falei assim, abre o corão, aí ele abriu, eu falei, o que você leu? Ele falou que foi Taubah, eu falei, qual versículo? Ele falou 108, é o nome da mesquita aqui, Deus deu para ele Taubah Surata 108, que diz que esta é uma mesquita, ele disse para ele, naquele dia de noite, Alá disse para ele, aqui é uma mesquita, não é Moussala, é mesquita, uma mesquita levantada na base da piedade, é melhor que nela se detenha, porque aqui amam os que se purificam e aqui amam os purificados. Aí eu vou te mostrar, Taubah

**Entrevistador:** Daí surgiu o nome da mesquita. Ah, é verdade!

**Fátima:** (resposta longa) Em verdade, uma mesquita fundada sobre a piedade, desde o primeiro dia, é mais digna de que nela se detenha, nela há homens que amam purificar-se, e Alá ama os que se purificam. Pensa na felicidade que eu senti. Capítulo 9, versículo... 108. 108. Então, o

Opor não fala com você, ele te responde coisas, ele é vivo, ele não é um livro que você escolhe o que vai ser lido, ele escolhe, tem um versículo aqui, uma surata, que o Kamal é testemunha, eu já salvo pra mim mais de 70 vezes. Eu estou em Apuro, eu abro o Corão e está lá. Eu sou Alá, o Senhor dos mundos. Eu sou Alá, o Senhor dos mundos. Pode ser qualquer corão que tenha. Na hora certa, por quê? Porque Deus, ele fala com você. Eu pedi pra Deus, eu falei, eu quero que você fale comigo. Aí ele falou, Moisés estava no deserto, e ele passou por um lugar e tinha um fogo. Aí ele falou pra família dele, fique aqui que eu vou ali buscar um tição, ou quem sabe uma orientação. Aí ele foi. Quando ele chegou lá... Eu tenho medo de falar errado. Por isso que eu falo que o Corão fala. Então, quando Moisés encerrou o derro e partiu para sua família, entrevi um fogo ao lado do monte. Ele disse à sua família, permaneci aqui, por certo, entrevejo um fogo na esperança de fazê-los vir, dê-lhe uma notícia ou um lenho aceso para nos aquecer. Aí disse, e quando chegou a ele, ao fogo, chamaram Moisés, Deus chamou Moisés, do lado direito do vale, na região bendita da água Ó Moisés, olha isso, Moisés falando em viva voz. Deus falando em viva voz. Ó Moisés, por certo, eu, eu sou alá, o Senhor dos mundos. Eu morro de chorar, eu falo em gasgo. Até hoje, já saiu 70 vezes pra mim esse versículo. Porque eu acho o versículo mais bonito do Corão, de todos que eu já li, pode ser que tenha outros que eu não li. Porque imagina você sendo Moisés, tá no deserto escuro, vê um tição, você chega lá, a voz de Deus decora no céu inteiro. Deus se apresentando a você, imagina o susto. Eu, eu sou alá, o Senhor dos mundos. E pra mim isso tem significado, que é assim, quando eu tô em apuros, alguém vai pro hospital, tem emergência, qualquer tipo de apuro. Aí eu esqueço e começo a ficar em pânico, nervosa. Eu esqueço que Deus é o Senhor dos mundos. Aí alá fala. Eu, eu sou o Senhor dos mundos. Olha aí o Demês. Aí eu fico alívio. Ele é o Senhor dos mundos, então vai ficar tudo bem. Então pra mim é de alívio, sabe? E o orgulhão inteiro tem esses diálogos. É muito bom. Esse tava gravando?

**Entrevistador:** Sim. Estava!